



Tribunal de Contas
Mato Grosso

TRIBUNAL DO CIDADÃO

Além do Olhar

Relatos e trajetórias dos
servidores e colaboradores do
Tribunal de Contas



PubliContas

Editora do Tribunal de Contas
do Estado de Mato Grosso



Tribunal de Contas Mato Grosso

TRIBUNAL DO CIDADÃO

IDENTIDADE ORGANIZACIONAL

NEGÓCIO

Controle da gestão dos recursos públicos.

MISSÃO

Controlar a gestão dos recursos públicos do Estado e dos municípios de Mato Grosso, mediante orientação, avaliação de desempenho, fiscalização e julgamento, contribuindo para a qualidade e a efetividade dos serviços, no interesse da sociedade.

VISÃO

Ser reconhecido como instituição essencial ao regime democrático, atuando pela melhoria da qualidade da gestão pública e no combate à corrupção e ao desperdício.

VALORES

Justiça: Pautar-se estritamente por princípios de justiça, pela verdade e pela lei, com integridade, equidade, coerência, impessoalidade e imparcialidade.

Qualidade: Atuar de forma ágil, tempestiva, efetiva, eficiente e eficaz, com base em padrões de excelência de gestão e de controle.

Profissionalismo: Atuar com base nos princípios e valores éticos e de forma independente, técnica, responsável, proativa, leal e comprometida com a identidade institucional e com o interesse público.

Transparência: Disponibilizar e comunicar tempestivamente, em linguagem clara e de fácil acesso, as ações, decisões e atos de gestão do TCE-MT, bem como as informações dos fiscalizados sob sua guarda, no interesse da sociedade.

Consciência Cidadã: Estimular o exercício da cidadania e do controle social da gestão pública.

CORPO DELIBERATIVO

TRIBUNAL PLENO

Presidente

Conselheiro Gonçalo Domingos de Campos Neto

Vice-Presidente

Conselheiro Interino Luiz Henrique Moraes de Lima

Corregedor-Geral

Conselheiro Interino Isías Lopes da Cunha

Ouvidor-Geral

Conselheiro Interino Luiz Carlos Azevedo Costa Pereira

Integrantes

Conselheira Interina Jaqueline Maria Jacobsen Marques

Conselheiro Interino Moises Maciel

Conselheiro Interino João Batista de Camargo Junior

1ª CÂMARA

Presidente

Conselheira Interina Jaqueline Maria Jacobsen Marques

Integrantes

Conselheiro Interino Luiz Henrique Moraes de Lima

Conselheiro Interino Luiz Carlos Azevedo Costa Pereira

2ª CÂMARA

Presidente

Conselheiro Interino Moises Maciel

Integrantes

Conselheiro Interino Isaias Lopes da Cunha

Conselheiro Interino João Batista de Camargo Junior

CONSELHEIROS

Conselheiro Antonio Joaquim Moraes Rodrigues Neto

Conselheiro José Carlos Novelli

Conselheiro Valter Albano da Silva

Conselheiro Waldir Júlio Teis

Conselheiro Sérgio Ricardo de Almeida

CONSELHEIRO SUBSTITUTO JUNTO À PRESIDÊNCIA

Ronaldo Ribeiro de Oliveira

MINISTÉRIO PÚBLICO DE CONTAS

Procurador-Geral

Getúlio Velasco Moreira Filho

Procurador-Geral Substituto

Alisson Carvalho de Alencar

Procuradores de Contas

Gustavo Coelho Deschamps

William de Almeida Brito Júnior

CORPO TÉCNICO

Secretaria-Geral do Tribunal Pleno

Lígia Maria Gahyva Daoud Abdallah

Secretaria da Primeira Câmara

Elizabet Teixeira Sant'anna

Secretaria da Segunda Câmara

Jean Fábio de Oliveira

Núcleo de Certificação e Controle de Sanções

Ana Karina Pena Endo

Secretaria-Geral de Controle Externo (Segecex)

Bruno Anselmo Bandeira

Secretaria Adjunta de Desenvolvimento do Controle Externo

Volmar Bucco Júnior

Secretaria Adjunta de Desenvolvimento do Controle Interno dos Fiscalizados

Gilson Gregório

Secretaria Adjunta de Avaliação da Qualidade das Atividades do Controle Externo

Rosiane Gomes Soto

Consultoria Técnica

Edicarlos Lima Silva

Secex da 1ª Relatoria – Conselheiro Interino Luiz Henrique Moraes de Lima

Francisney Liberato Batista Siqueira

Secex da 2ª Relatoria – Conselheiro Interino Isaias Lopes da Cunha

Valdir Cereali

Secex da 3ª Relatoria – Conselheiro Interino Luiz Carlos Azevedo Costa Pereira

Marlon Homem de Ascensão

Secex da 4ª Relatoria – Conselheiro Interino João Batista de Camargo Junior

Joel Bino do Nascimento Júnior

Secex da 5ª Relatoria – Conselheira Interina Jaqueline Maria Jacobsen Marques

Manoel da Conceição da Silva

Secex da 6ª Relatoria – Conselheiro Interino Moises Maciel

Roberto Carlos de Figueiredo

Secretaria de Controle Externo de Obras e Serviços de Engenharia

Emerson Augusto de Campos

Secretaria de Controle Externo de Atos de Pessoal e Regime Próprio de Previdência Social

Francis Bortoluzzi

Secretaria de Controle Externo de Auditorias Operacionais

Lidiane Anjos Bortoluzzi

Secretaria de Informações Estratégicas

Victor Augusto Godoy

CORPO DE GESTÃO

Chefe de Gabinete da Presidência

Paulo Vicente Nunes

Secretaria do Sistema de Controle Interno

Élia Maria Antoniêto Siqueira

Secretaria de Articulação Institucional e Desenvolvimento da Cidadania

Cassyra Lúcia Corrêa Barros Vuolo

Secretaria de Apoio às Unidades Gestoras

Naíse Godoy de Campos Silva Freire

Consultoria Jurídica-Geral

Patrícia Maria Paes de Barros

Secretaria-Geral da Presidência

Risodalva Beata de Castro

Secretaria Executiva da Corregedoria-Geral

Marco Aurélio Queiroz de Souza

Secretaria Executiva da Ouvidoria-Geral

Yenes Jesus de Magalhães

Secretaria de Planejamento, Integração e Coordenação

Diógenes Gomes Curado Filho

Subsecretaria de Planejamento, Integração e Coordenação

Julinil Fernandes de Almeida

Subsecretaria de Planejamento, Integração e Coordenação

Rodrigo Ares Barbosa de Mello

Secretaria de Comunicação Social

Américo Santos Corrêa

Escola Superior de Contas

Marina Bressane Spinelli Maia de Andrade

Secretaria Executiva de Orçamento, Finanças e Contabilidade

Eneias Viegas da Silva

Secretaria Executiva de Tecnologia da Informação

Simone Aparecida Pelegrini

Secretaria Executiva de Gestão de Pessoas

Camilla Nardez Rodrigues Pereira

Secretaria Executiva de Administração

Lúcia Maria Taques

Núcleo de Gestão de Contratos, Convênios e Parcerias

Camila Meirelles Müller

Núcleo de Patrimônio

Marcelo Catalano Corrêa

Núcleo de Expediente

Deise Maria de Figueiredo Preza

Núcleo de Cerimonial

Tânia de Cássia Melo Bosaipo

A vida só pode ser compreendida,
olhando-se para trás;
mas só pode ser vivida,
olhando-se para frente.

Soren Kierkegaard





Tribunal de Contas
Mato Grosso

TRIBUNAL DO CIDADÃO

Além do Olhar

Relatos e trajetórias dos
servidores e colaboradores do
Tribunal de Contas



PubliContas
Editora do Tribunal de Contas
do Estado de Mato Grosso

Copyright © Tribunal de Contas do Estado de Mato Grosso, 2018.

O conteúdo desta obra possui direitos reservados e a sua reprodução é permitida apenas com a autorização expressa do TCE-MT e seus servidores (art. 184 do Código Penal e Lei Federal nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998). O conteúdo desta obra está disponível no Portal do TCE-MT para *download* (www.tce.mt.gov.br).

Dados Internacionais para Catalogação na Publicação (CIP)

M433a

Mato Grosso. Tribunal de Contas do Estado
Além do olhar: relatos e trajetórias dos servidores e colaboradores do
Tribunal de Contas / Tribunal de Contas do Estado. - Cuiabá : PubliContas, 2017.

92p. ; 21x29,7 cm.
ISBN 978-85-98587-86-8

1. Relatos. 2. Histórias curtas. 3. Experiências.
I- Título.

CDU 0/9(91)

Jânia Gomes
CRB1 2215

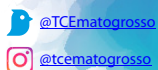
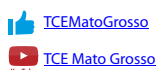
PRODUÇÃO EDITORIAL
SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO

supervisão Américo Correa *Secretario de Comunicação Social*
redação Felipe de Albuquerque Augusto *Jornalista*
fotos Thiago Bergamasco e Marcos Negrini (Agência Phocus)
edição e projeto gráfico Doriane Miloch *Assessora Técnica de Publicações da PubliContas*
capa e apoio técnico Fabiane Costa Mello *Publicitária*
ilustrações Thinkstock by Getty Images <<http://www.thinkstockphotos.com/>>
revisão ortográfica Solange Maria de Barros



Rua Conselheiro Benjamin Duarte Monteiro, nº 1
Centro Político e Administrativo
CEP: 78049-915 – Cuiabá-MT
+55 65 3613-7561
publicontas@tce.mt.gov.br – www.tce.mt.gov.br

Siga:





Tribunal de Contas
Mato Grosso

TRIBUNAL DO CIDADÃO

Além do Olhar

Relatos e trajetórias dos
servidores e colaboradores do
Tribunal de Contas

Apresentação

A escrita principiou tímida e modesta em meados de maio de 2016. Partiu da ideia inicial de apresentar outra perspectiva dos servidores e colaboradores do Tribunal de Contas de Mato Grosso, em suas relações e experiências do cotidiano com a instituição de controle externo. Aos poucos, entretanto, por meio do processo minucioso de escuta e consequente escrita, foi impossível não deixar que a redação se aprofundasse também em diversos sentidos da vida dos contadores de histórias, narrativas das quais eles e elas são protagonistas. Por isso, os textos foram se adensando, às vezes crescendo em número de palavras e em semântica, mas continuamente respeitando os limites do que cada entrevistado e entrevistada quis ou pode oferecer.

Este livro compila histórias do real, sem hesitar embarcar num mar de sonhos que movem os espíritos humanos aqui entregues; de trajetórias de pessoas que cruzaram fronteiras; de gente que veio de longe ou de perto; de quem cresceu, fez escolhas, amou e recomeçou. Também reúne



Graduado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Mato Grosso. Atualmente se dedica aos cursos complementares de Narrativas Biográficas - em estilo de Jornalismo Literário e de narrativas visuais para plataformas digitais, produzido pela Associação Nacional de Jornais e pelo Centro Knight da Universidade do Texas.

depoimentos de pessoas que sofreram e que, em algum momento de seus trajetos sinuosos, encontraram momentos de redenção.

Relatos de homens e mulheres permeiam estes textos e demonstram como eles mesmos tiveram coragem de assumir o risco de viver, dia após dia, os enredos do cotidiano; suas falas, seus traços e corpos como testemunhas de suas existências. É esta complexidade que conecta e une as trajetórias dos servidores e colaboradores do Tribunal de Contas e que as ligam, em sua singularidade, à realidade de quem ou-



sar compartilhar dessas histórias.

Os perfis não possuem a ambição de resolver e sintetizar estas questões ou, ainda, de limitar os personagens numa única narrativa. Pretendem, por outro lado, apresentar um dentre os diversos caminhos possíveis e interpretações que, a partir do momento em que foram contadas, e agora publicadas, podem ser reinventadas por quem viveu estes enredos e por quem os lê.

Ao todo, as 20 histórias foram divulgadas originalmente na Intranet do Tribunal de Contas de Mato Grosso até setembro de 2017. Diante da boa aceitação pelos servidores, colaboradores e público interno da Instituição, entendeu-se que este rico material, de infinita humanidade, poderia se comunicar muito bem com leitores de fora, estrangeiros que são convidados a habitarem outras vidas por meio da narrativas destes protagonistas que, com seus empenhos, fazem parte da história desta Instituição.

Os textos foram agrupados em temas comuns. Mas os leitores mais curiosos poderão notar que, ao final de cada um deles, consta a data de publicação na Intranet do Tribunal de Contas, e se quiserem lançar ao desafio da investigação mais atenta, poderão notar a evolução que a escrita foi alcançando cronologicamente.

Relatos de homens e mulheres permeiam estes textos e demonstram como eles mesmos tiveram coragem de assumir o risco de viver, dia após dia, os enredos do cotidiano; suas falas, seus traços e corpos como testemunhas de suas existências

Como repórter, foi um privilégio desafiador contar parte das histórias das pessoas que são desta Instituição. Queria ter tido capacidade de ouvir muito mais e registrar depoimentos em dobro, porque tenho certeza de que cada uma dessas narrativas seriam também imensamente extraordinárias, acrescentando substancialmente à proposta do livro. Esta é uma oportunidade singular de compartilhar histórias de vidas com novos leitores. Digo isso porque tenho a convicção do poder humano que elas reúnem. E, por isso mesmo, confio em suas potencialidades de transformar outras vidas.

Felipe de Albuquerque Augusto
Redator





Sumário

família	13
De onde vem o amor: Uma breve historiazinha	14
<i>Claiton Souza Cavalcante</i>	
A segunda casa de Lindalva	18
<i>Lindalva Alves Batista</i>	
Cozinhando com amor: O tempero que agrega as pessoas.....	20
<i>Leila Marcia Rachid Jorge</i>	
os caminhos	23
A vida pode recomeçar aos setenta e cinco anos:	
A saga de um estagiário	24
<i>Francisco Delmondes Bentinho</i>	
O olhar por detrás do volante	30
<i>João Nunes Moreira</i>	
Pintando e bordando: Um breve conto da menina artesã	33
<i>Katia Auxiliadora Xavier</i>	
Causos e relatos: Uma carona com o Seu Zeca.....	36
<i>José Benedito Albuquerque Garcia</i>	
Drama, romance e comédia no roteiro de vida de uma personagem do real	39
<i>Izaltina Cornélia de Arruda Moreno</i>	
superação	46
Os caminhos de uma peregrina	47
<i>Maria Edileuza Metello</i>	
Nas tramas da vida: Em busca de um novo sentido.....	50
<i>Flavia Ferreira Haddad</i>	
“Eu sobrevivi”: Uma história de luta contra o câncer.....	54
<i>Franccineth Ourives de Campos</i>	





universo das engenhocas

- Se meu Maverick falasse..... 58
Paulo Vieira Pacheco Filho
- Tecnologia, Rock e Britney Spears..... 62
Aline Wollinger
- "Que a força esteja com você!"..... 65
Rosiane Gomes Soto

servidores olímpicos

- Correndo pela própria superação..... 70
Wânia Laurice de Oliveira Santos
- A meditação que vem com os pedais da bicicleta..... 73
Valesca Olavarria de Pinho
- Os campinhos de futebol de um apaixonado pelo esporte..... 76
Michael Melo
- A canhota surpresa e o paredão do vôlei de praia..... 78
Adriana Amorim da Costa

muito além do olhar

- A solidariedade é a mediadora entre o ver e o olhar..... 82
Silvanete Paulina da Silva Cardoso
- Por mais axé: Sobre a mulher que vê humanidade nas ruas..... 85
Glaucia Bianca Stefanini



Aos que participaram deste livro e que, tão generosamente, compartilharam suas histórias com outras vidas.

Aos colaboradores, servidores e membros do Tribunal de Contas de Mato Grosso que foram contemplados, direta ou indiretamente, por estes enredos do real. Esta é uma singela homenagem a vocês, na expectativa de que se sintam respeitados, valorizados e admirados em toda a sua integralidade: enquanto profissionais da administração pública e, sobretudo, enquanto seres essencialmente humanos.





família



Claiton Souza Cavalcante

De onde vem o amor

Uma breve historiazinha

Quando aninhou o corpo franzino daquele bebê de nove meses em seus braços, Claiton Cavalcante experimentou, pela primeira vez, a epifania assombrosa, emocionante e encantadora de vivenciar em seu próprio peito um dos grandes milagres da vida: o nascimento de um pai. No silêncio da sala estreita, em que ainda pairava a ausência recente da assistente social, observou com os olhos embaçados o rosto da esposa, Silvana, e percebeu que a menina, com apenas um sorriso, também havia feito o parto no coração da mulher.

Foi numa tarde de quinta-feira, 17 de julho de 2014, e após a longa gestação de mais de seis anos, que nasceu para uma nova família a pequena



Isadora. Claiton se lembra com exatidão do cenário, dos dias e dos acontecimentos que se seguiram ao instante em que teve certeza de que aquela menina que segurava no colo há poucos minutos, sua filha, estaria com ele para sempre. Um momento tão marcante e transgressor que ainda agora, quando relata, luta para conter as lágrimas.

“Assim que terminou a Copa do Mundo, me ligaram e informaram que havia chegado nossa vez e tinha uma menina apta à adoção. Foi emoção a toda prova. Eu e minha esposa corremos para encontrá-la. Aquele dia mesmo ela estava fazendo nove meses. Ela era tão pequenininha, uma coisinha indefesa. Olhar para ela ali fez passar um filme na cabeça. Pensamos muita coisa, nas maldades que as pessoas conseguem praticar contra elas. Como que pode, né, moço?”, indaga o pai que hoje diz sentir na própria pele qualquer sofrimento vivenciado por outras crianças.

O servidor, que é assistente no gabinete do conselheiro substituto Isaias Lopes da Cunha, também se recorda que, neste dia, não tinha mais que o próprio coração e um quarto cor-de-rosa preparado há um tempo para receber a menina. Isadora teria autorização judicial para ir para casa já na próxima segunda-feira. Depois de tanta burocracia e demora no processo percebeu seus dias se transformando velozmente. Só para terem direito a entrar na fila foram dois anos e, ao entrarem na 60ª posição, ficaram por quatro anos. Uma fila que anda, para crianças com a idade de Isadora, uma única vez ao mês.

Não seria apenas mais um sonho, como

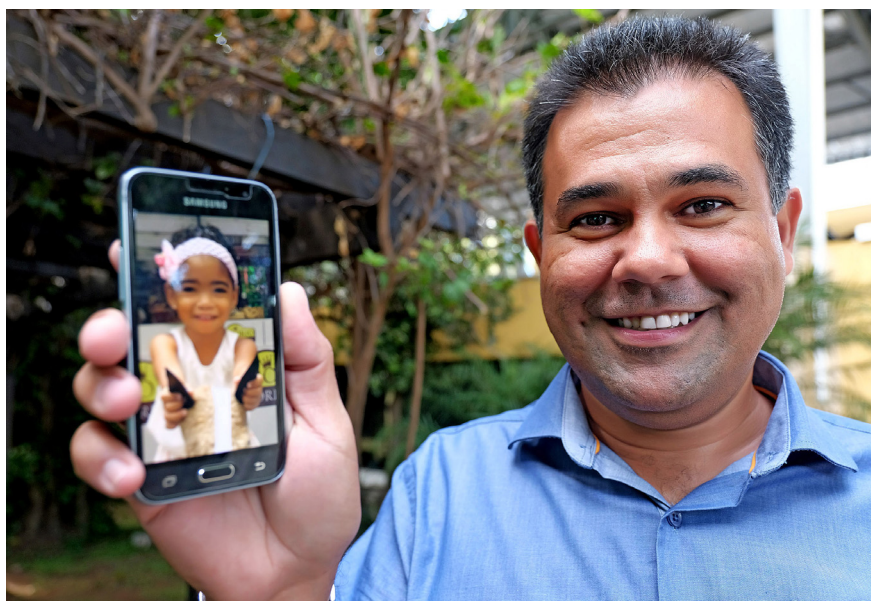
A primeira coisa que vinha a mente, todos os dias nos últimos quatro anos era eu me questionando sobre quando seria. É uma espera muito grande, mas o dia havia finalmente chegado

os outros dos últimos anos em que acordaria no dia posterior sentindo um vazio no peito? “A primeira coisa que vinha a mente, todos os dias nos últimos quatro anos era eu me questionando sobre quando seria. É uma espera muito grande, mas o dia havia finalmente chegado”, completa.

Afastou toda essa insegurança e já na sexta-feira ele e a esposa oficializaram os trâmites no juizado. Estava acontecendo. No sábado foram ao centro de Cuiabá comprar todo o enxoval, de itens básicos como roupas e fraldas a móveis, tudo ansiosamente escolhido para acomodar a menina. Julgaram que seria melhor esperar para comprar tudo e, só então, conhecendo a filha, seu tamanho, seu rostinho e seu sorriso, estariam aptos a pensar de fato nas novas necessidades da família.

Mesmo sem ter tudo minimamente planejado, Claiton sabe que jamais estariam preparados para os desafios que só a prática dos dias lhes ensinaria. Uma criança trans-





A pequena Isadora é protagonista do álbum de fotos do celular do pai

forma tudo. “O que eu falo assim é que o filho muda a vida de um casal. Nem gosto de ficar usando adotivo. É nosso filho, é nossa filha. Eu sou o pai dela. Silvana é mãe dela. Muda a vida da gente, de tal forma que passamos a ver o mundo de outro jeito. Damos a vida por eles. Tiramos da boca para tentar dar o melhor, mostrar o caminho certo”.

Por isso, neste período, Silvana tirou licença-maternidade e depois pediu demissão para ficar mais tempo com a menina. Claiton também estava afastado por um mês do trabalho e pôde curtir os primeiros dias de Isadora em casa. O contínuo e intensivo contato com a menina auxiliou aos pais de primeira viagem a lidarem bem com as novidades. Entenderam que, com todo o amor e cuidado do mundo, conseguiam transpassar a primeira dorzinha de barriga; o choro no meio das noites; o refluxo, que exigiu um tipo de leite específico; a febre do dente.

A impossibilidade de engravidar, confirmada em 2006 após dois anos de casados, despertou no casal a vontade de vivenciar estes momentos de alguma forma. Eles escolheram passar por esta fase que exige atenção integral. Eles escolheram vivenciar todo esse ritual e esmero que uma criança desta idade demanda. E foi e tem sido tão bom, que eles já até se esqueceram da longa espera. “Aí não tem nada dos medos que as pessoas tentam colocar na nossa cabeça, nada de negatividade. Não tem nada disso. Só quem vive é quem sabe.



Não é o sangue que corre nas minhas veias que vão fazer eu te amar, sabe? É convivência direta, é ver que aquele ser indefeso depende de você para tudo. Passa a amar, abdicar de um monte de coisa. Por amor”, relata.

E não foram só os pais que aprenderam a abdicar de algumas escolhas por amor. A família toda se mobilizou para receber a nova integrante. De ambos os lados, Isadora é a primeira neta. Nem dona Marlene, mãe de Claiton que mora em Guiratinga e não gosta do calor de Cuiabá, hesita mais em passar uns dias na capital.

Hoje, já com quase 3 anos, a pequena entrou para a escolinha e foi a família toda se encarregar de deixá-la em seu primeiro dia de aula. “Nós já estávamos sofrendo um mês antes. Fomos eu, minha sogra, esposa e cunhada, todos com o coração apertado. Ela largou de nós e foi brincar. Ficamos olhando pela janelinha e estávamos esperando abrir aquele chororô, mas ela ficou super bem”.

De tão felizes, Claiton e a esposa agora planejam dar um irmão para a menina. Aos 40 anos, o papai está reclamando que as costas doem porque, mesmo correndo três vezes na semana, não tem dado conta de jogar bola, todos os dias, das 20 às 21 horas com Isadora. “Com um irmãozinho ela conseguirá dividir a energia”, brinca iludido de que a sua barra será livrada.

Assim que a adoção de Isadora foi firmada, eles retornaram à fila de espera. Agora, cogitam fazer a chamada “adoção tardia”, para que o menino chegue mais rápido ao novo lar. Ampliar o perfil específico das crianças ou adolescentes, significa inverter

a lógica que há entre disponibilidade de adoção e interessados em adotar. Em 2016, 7.158 crianças e adolescentes deixaram de ser adotados. Atualmente, mais de 38 mil pessoas estão aptas ao processo de adoção.

Claiton e a esposa querem ser exemplo de que o amor transcende barreiras sociais e biológicas. No grupo de apoio pro-adoção, dialogam com outros pais sobre as angústias pelas quais já passaram na fila de espera e pelas alegrias que, dia após dia, fazem valer a pena cada minuto longe do filho ou filha que está por chegar. “Só depois que você vivencia é que você começa a entender de onde vem o amor. E não é do sangue. Aquele ser transforma você. Você passa a saber o que é esse sentimento que as pessoas tão irresponsavelmente chamam de amor. Antes você dormia tranquilo, agora você ouve um barulhinho e acorda no meio da noite pra saber se ela está bem, se chora ou não. Hoje posso dizer que entendo um pouquinho de amor. E o amor é o que me desperta esse pedacinho de gente”.

Isadora nasceu do amor e dos sonhos de seus pais. Não é em vão que, quando a menina questiona, Claiton e Silvana explicam que ela foi gerada no coração. Durante todo o diálogo, sobre a “breve historiazinha” de sua vida, Claiton carrega no peito e na alma os reflexos de seu nascimento como pai. Com um jeito singelo e modesto, o homem, sem nem verbalizar, consegue dizer sobre a grandeza de sua emoção. É dali, daqueles olhos cativantes e sempre marejados, que vem o amor.

Publicada na Intranet em 17/3/2017





Lindalva Alves Batista

A segunda casa de Lindalva

A princípio, o marido se posicionou contra. Mas como os três filhos seguiam crescidos, Dona Lindalva Alves decidiu que não havia mais motivos para se dedicar apenas aos afazeres de casa. Além de conquistar a independência financeira, ela convenceu a família sobre a necessidade de ampliar a renda doméstica e, em 2001, começou a trabalhar fora.

Nesses 15 anos ela vem dividindo os últimos seis entre sua vida pessoal e o Tribunal de Contas, na função de encarregada geral, numa longa rotina que, segundo ela, é feita por escolha e por amor. “É uma opção trabalhar tanto. Tenho as minhas necessidades, mas amo o que eu faço. Não saberia ficar sem”, comenta.

Ainda é bem cedo quando ela chega à pequena sala da Zeladoria e or-

**“Esta é minha
segunda família e
o meu trabalho é
minha segunda casa”**

ganiza as chaves de cada sala ou unidade que receberá o primeiro turno da equipe de limpeza. Às 6h distribui as equipes entre o Sede Administrativa, o Edifício Marechal Rondon e a Escola Superior de Contas; abre as relatorias e segue verificando a limpeza dos setores já concluídos, inspecionando o material higiênico em todos os banheiros.

Também pela manhã, Lindalva recebe e orienta parte dos 108 funcionários - motoristas, garçons, recepcionistas, agentes de portaria e agentes de limpeza -, responsáveis por manter a ordem e a higienização no ambiente de trabalho. “A nossa função é muito importante, e eu me considero, juntamente com minha equipe, uma parte fundamental do Tribunal de Contas porque proporcionamos um ambiente saudável para que outros possam trabalhar e desempenhar suas funções”, expressa ela com orgulho.

À tarde, precisamente às 15h, a rotina se reinicia com a chegada de outra parte da equipe de limpeza. E seguem com a lida dos

corredores, saguões, área externa e subsolo.

O segundo turno se encerra às 22h e Lindalva está pelo Tribunal de Contas garantindo, além da limpeza de cada setor, que os equipamentos eletrônicos como ar-condicionados e lâmpadas, estejam devidamente desligados.

A proximidade com tantas realidades distintas e, algumas vezes, similares as suas, faz com que ela, ao longo destes anos, vivencie parte da experiência pessoal de cada um dos funcionários que também prestam serviços ao Tribunal de Contas. Lindalva, Dalva ou Linda, como é chamada, diz que se sente um pouco mãe de todos os que passam pela sua sala na Zeladoria, local que resguarda parte de sua história em fotografias, notas, rabiscos e orações espalhadas sobre a mesa e pelo mural. “As vezes nós



Da sala estreita da Zeladoria, Lindalva conta sua história que se mistura com a história do TCE

somos atingidos pelos problemas que os funcionários trazem de casa e acabamos nos envolvendo, conversando, escutando. Esta é minha segunda família e o meu trabalho é minha segunda casa”, conclui vaidosa.

Publicada na Intranet em 16/5/2016



Leila Marcia Rachid Jorge

Cozinhando com amor

O tempero que agrega as pessoas

O almoço de domingo é sempre carregado com diversos temperos: cebola, alho, salsinha e cebolinha. Se o prato principal for peixada, tem coentro também. O aroma de especiarias refogadas emana pela casa, despertando a fome do sujeito mais distraído e sacudindo o marasmo que precede a longa semana.

Para Leila, este é o seu cenário favorito: enquanto os filhos seguem conversando a sua volta e os netos brincam pela casa, ela vai preparando cada prato com muito carinho e esmero. Sabe que, na correria cotidiana, cada oportunidade de reunir a família ao redor da mesa é valiosa.

Aos poucos, ela percebe a espaçosa casa comportando a turma. Os ami-



gos dos filhos vão chegando, alguns primos e tios também. Descendente de um casamento de famílias tradicionais cuiabanas, Rachid Jaudy e os Bastos Jorge, Leila herdou uma vasta rede de parentesco e de numerosos conhecidos. Ama recebê-los, atraídos para além da comida boa, pelo que ela define ser a própria harmonia da casa. Quem a visita uma vez, volta outras tantas mais. “Não conheço uma pessoa que não goste de ir lá, a casa tá sempre cheia”, comenta vaidosa.

Não demora muito até que o som das conversas se sobreponham ao silêncio domingueiro, ultrapassando os cômodos, reverberando pelas paredes. O pessoal conversa alto e brinca. Leila está no fogão, cheia de si por ser a anfitriã de momentos tão acolhedores e festivos.

“O alimento tem esse poder de reunir as pessoas. É uma hora de descontração, de união. Tá todo mundo ao redor da mesa, passando bem, engordando, tomando uma cervejinha e muito feliz”, comenta sorrindo. Aos 59 anos, lembra que aos 16 surgiram-lhe as primeiras essências do seu amor pela culinária, ajudando uma das tias num buffet em Campo Grande.

Ao retornar para Cuiabá auxiliou outra tia no buffet Terezinha Vieira, considerado, à época, um dos melhores da cidade. Formou-se em Pedagogia, mas foi só entrar numa sala de aula para perceber a falta de afinidade com a profissão. A partir desse evento, decidiu se dedicar integralmente à culinária. “Eu amo cozinhar, é minha paixão. Não me imagino longe da cozinha, longe de

“Eu amo cozinhar, é minha paixão. Não me imagino longe da cozinha, longe de colocar a mão na massa. São raras as vezes que deixo alguém cozinhar pra mim”

colocar a mão na massa. São raras as vezes que deixo alguém cozinhar pra mim”, brinca, afirmando que o filho mais velho também é um bom cozinheiro e já faz um estrogonofe melhor que o dela.

Uma das experiências mais significativas na carreira da servidora se deu no ano de 2000 quando ela assumiu a administração do restaurante do TCE, do qual sairia somente 11 anos depois, com a cessão do espaço. Leila relembra que foi um período de muito aprendizado e crescimento. No início eram servidas 50 refeições por dia, e depois, no final, já eram aproximadamente 550.

“Foi gratificante. Eu sinto que saí no auge da administração. Agradei muita gente, apesar de algumas críticas. Trabalhávamos com as nutricionistas do TCE, mas eu pedia uma vez por semana pra eu fazer minhas ‘engordas’. Um dia da semana eu fazia o cardápio, rolava lasanha, ‘cesta chique’, com massas e molhos, diversos tipos de massa, sobremesa mais engordativa. Nosso carro-chefe era o peixe”, lembra a servidora. Leila ainda se





A vida dividida
entre papéis e
a família e as
penelas

orgulha desse período e afirma que, vez ou outra, é parada nos corredores do TCE, por algum admirador dos seus temperos. “Eles me agradecem por eu ter cuidado deles, e eles falam bem assim mesmo, ‘cuidar’. Foi uma fase boa, eu gostava muito”, completa.

Nesse período ela teve convicção de que estava no caminho certo com seu próprio buffet - Casa dos Sabores - que é administrado em parceria com sua filha do meio, Melina. Fora do expediente no TCE, a servidora da Gerência de Controle de Processos Diligenciados, sempre atua nos bastidores dos eventos e coloca a mão na massa. “Eu prefiro estar ali na cozinha. Eu divido a parte administrativa com Melina, ela executa essa parte e eu vou para o fogão. Também não me interessa em abrir restaurantes, aquele molde fixo não me agrada. Gosto de festa, confraternização, conviver com diversos tipos de pessoas”, explica.

Para Leila, não há tempero que equivalha ao carinho de cozinhar com prazer. E ela ca-

pricha nos pequenos detalhes porque sabe que se conectará com outras vidas através do alimento que tem nas mãos. Alimentar vai muito além de só servir para comer.

Capricha na cebola, no alho, no cheiro-verde e na dose de amor ao preparar um novo prato. É como uma meditação corrigir o sal, conferir o aroma, e esperar o tempo certo para as especiarias dourarem. “Deus vai me dar saúde até o último dia da minha vida pra fazer comida. Porque eu adoro. Sabe o que é isso? Eu gosto mesmo. Espero ter saúde para isso. Assim eu sou feliz”.

Enquanto os filhos conversam a sua volta e os netos continuam correndo pela casa, a essência dos alimentos flui pelo ar. Os parentes vão chegando e as conversas pululam pelos cômodos. Leila está no fogão, observando tudo, acolhendo cada visitante com alegria e escolhendo os temperos com esmero. A felicidade tem o cheiro do refogado.

Publicada na Intranet em 22/11/2016





os caminhos



Francisco Delmondes Bentinho

A vida pode recomeçar aos setenta e cinco anos

A saga de um estagiário

A terra agreste do sertão castiga os ânimos e o corpo de sua gente. No tempo da seca, o sol chega a estremecer a vista ao reluzir sobre o chão pedregoso. Este cenário, por vezes tão hostil, inspirou as epopeias de grandes personagens da literatura como Dom Pedro Dinis Quaderna e Chicó, os quais, através de suas narrativas, percorrem os enredos da existência nos romances do escritor Ariano Suassuna.



Mas este mesmo chão selvagem, cuja adversidade se doma ou se permite devorar, também foi o cenário por onde o jovem Francisco deixou suas primeiras pegadas no mundo rumo aos seus páreos da vida – a esquina entre as ruas 15 de novembro e 7 setembro. Nesse encontro de veios urbanos, num campinho improvisado à sombra da igreja de Nossa Senhora da Conceição, os meninos de ambos os endereços em Araripina, Pernambuco, rivalizavam, com a bola nos pés, uma disputa digna dos maiores episódios republicanos do Brasil.

Francisco Delmondes Bentinho, filho da enfermeira Antônia Consuelo Delmondes Bentinho e do finado barbeiro, José Bentinho Sobrinho, aprendeu nas arestas de Araripina, entre ruas tortuosas de paralelepipedo e dentro da casa estreita e estalando de gente, a se posicionar diante do mundo. Além dos pais, dividia a casa módica com seus numerosos irmãos – ao todo 17. Outros 10 estão país afora escrevendo seus atinos. A mãe, aos 96 anos, ainda reside na casa, agora mais cheia de lembranças que de gente.

Nesse contexto, e por conta da literatura e dos romances clássicos russos, franceses e brasileiros, com os quais teve contato desde jovem, Francisco foi percebendo a complexidade de sua existência. Tomou consciência sobre a necessidade de cumprir seus caminhos e atravessar fronteiras. Viajou nas narrativas mágicas de realidades inimagináveis e acreditou nos sonhos que pululavam em sua mente. Segundo ele, quando deixou

Francisco foi percebendo a complexidade de sua existência. Tomou consciência sobre a necessidade de cumprir seus caminhos e atravessar fronteiras

o sertão, cumpriu a sina que acompanha todo nordestino, carregando consigo um espírito de busca e de procura; um espírito aventureiro.

Aos 22 anos embarcou num ônibus e se mudou para o Rio de Janeiro. Foi morar com a irmã mais velha. Após o primeiro ano, mudou-se novamente, mas, desta vez, para São Paulo. Trabalhou como servente de pedreiro, por cinco anos, na construção da Estação de Abastecimento Ceasa. Desse período, ainda carrega consigo, no bolso, a carteira profissional da qual se orgulha por demais.

Foi um momento difícil ter que voltar para a casa depois de mais de cinco anos, quando as coisas começaram a desandar na metrópole. De certa forma, significava também voltar aos trabalhos esporádicos, escassos que surgiam aqui e ali. Mas foi assim, por outros longos oito anos, oscilando pelas arestas da Araripina que, hoje, se expandiu e constitui um dos principais polos de produção de gesso no país.



Nesse período começou a namorar Francisca. Pouco tempo depois, ela se mudou para Goiânia e ele não pensou duas vezes quando teve a oportunidade de seguir os passos de sua namorada. Lá, Francisco principiou os estudos em Letras Vernáculas pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, conciliou o aprendizado com o ensino de Língua Portuguesa no Colégio Estadual Presidente Castello Branco, em Hidrolândia, e ainda estudante mas já lecionando, atuou no Centro de Professores de Goiás, onde também foi diretor do Departamento Cultural. Defensor ferrenho do mundo das leituras e testemunha viva de como os estudos podem subverter realidades, Bentinho,

como hoje é mais conhecido, foi um dos idealizadores do Programa de Valorização do Magistério de Goiás (Promag), difundido em todo Estado.

Aos finais de semana, junto aos professores das Universidades de Goiás, visitou as cidades do interior do Estado, trocou conhecimento com os demais profissionais e palestrou sobre assuntos como didática geral, didática especial e dinâmica de grupo. As atividades de integração com os demais professores, realizadas no início da década de 70, chamaram a atenção dos militares que identificaram como subversiva a lucidez nos olhos daquele homem franzino que provocava uma revolução na Educação de Goiás.



Acervo pessoal

Reunião em Rio Verde (GO) do CPG com os professores da Rede Estadual - Programa de Valorização do Magistério de Goiás (Promag)



Foi preso em 1972, no 10º Batalhão de Caçadores de Goiás, onde permaneceu por dois dias. Nesse aparente curto período, observou a movimentação de muitos outros presos que entravam e saíam. “Eles falavam: ‘diga tudo, conte tudo, não negue nada. Seu colega já contou o que você está fazendo’. Era uma pressão violenta”. Suas explicações convenceram porque seu trabalho não tinha aquele tipo de revolução que deveria ser coibida. Percebeu o poder das ideias e dos conhecimentos que poderiam causar ranhuras na face do horror.

Nos anos seguintes, o apaixonado pelas letras enveredou-se em um outro desafiante caminho – o Jornalismo. Trabalhou no Diário da Manhã, em Goiânia, e escreveu ao lado de grandes personalidades como Batista Custódio e Consuelo Nasser. Em 1983, foi escalado para substituir o representante do jornal na sucursal de Cuiabá, o hoje conselheiro do Tribunal de Contas de Mato Grosso Antonio Joaquim, que à época já vinha se dedicando à política. Na capital mato-grossense, o jornal possuía 452 assinaturas fixas. Os exemplares chegavam de avião, às 10h da manhã, e depois distribuídos. A proposta era a de que Bentinho ficasse por alguns meses. Mas suas escolhas trataram de fincá-lo por estas terras como raiz de macaxeira. Em seis meses, a sucursal do jornal Diário da Manhã entrou em falência, mas a equipe constituída por oito jornalistas continuou a edição do jornal “Edição Extra”, que obedecia os mesmos moldes do Diário da Manhã. O novo periódico prosseguiu por dois anos.

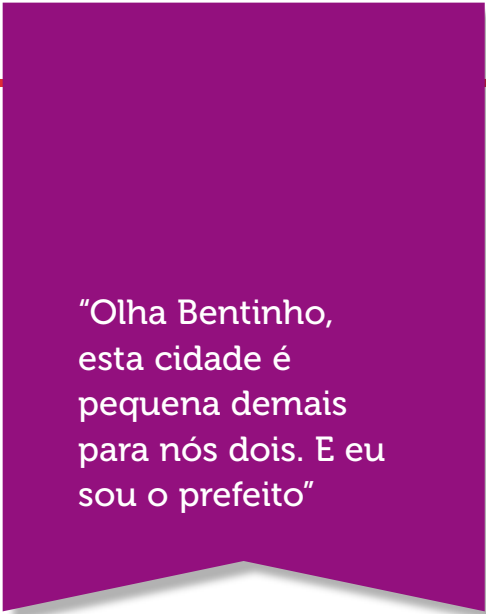
“Eles falavam:
‘diga tudo, conte
tudo, não negue
nada. Seu colega
já contou o que
você está fazendo’.
Era uma pressão
violenta”

Após encerrar estas atividades, Bentinho vislumbrou uma oportunidade de desbravar o interior do Estado, carente por veículos de informação. Assim, teve início o “Folha de Paranatinga”, que seguiu até 1986. Nesse mesmo ano, o já então militante jornalista liderou uma reunião em Barra do Garças, onde foi fundada a Associação dos Jornais do Interior de Mato Grosso (Adjori). Ao todo, 28 jornais participaram da Associação, reunindo municípios como Peixoto de Azevedo, Guiratinga, Rondonópolis e Cáceres. Bentinho foi seu primeiro presidente.

No dia 11 de setembro de 1986, a Associação regional se filiou à Associação nacional dos jornais do interior, Abrajori, que contava à época com a congregação de 2.200 jornais. As reuniões anuais serviam para a profissionalização, uma vez que muitos não possuíam sequer registro ou jornalista responsável, sendo a maioria constituída por núcleos e interesses familiares.

Nessas reuniões, havia também muita





“Olha Bentinho,
esta cidade é
pequena demais
para nós dois. E eu
sou o prefeito”

reflexão sobre a profissão e o compartilhamento de experiências entre os profissionais. Bentinho ouviu muitos relatos sobre o abuso praticados pelo os coronéis de Mato Grosso contra a imprensa. Também foi ele mesmo vítima desta intimidação, ao ser chamado no gabinete do prefeito em Peixoto de Azevedo e ser convidado a se retirar do município. “Olha Bentinho, esta cidade é pequena demais para nós dois. E eu sou o prefeito”. No mesmo dia foi embora para Cuiabá, o preço pago por ter feito oposição durante o período eleitoral.

Em 1989, a Abrajori deixou de existir e passou a ser a Adjori do Brasil, com congressos bianuais que ocorrem, ainda hoje, país a fora. Bentinho foi vice-presidente e representou Mato Grosso na Associação por alguns anos. No biênio 2016-2017 participou do grupo de ética.

Hoje, aos 75 anos, Bentinho está concluindo sua primeira graduação, em Direito, pela Universidade de Cuiabá (UNIC). Lembra que, quando jovem, abandonou o curso de Letras pouco antes de obter o diploma. No bolso, guarda junto à carteira profissional de pedreiro e seu registro como jornalista profissional, a carteira de

estágio da Ordem dos Advogados do Brasil.

O interesse pela área surgiu ao passar pela vida de homens e mulheres e observar as dificuldades que eles enfrentam cotidianamente. Em suas andanças pelo Estado, notou que a pessoa idosa, com seus direitos resguardados constitucionalmente, não os têm na prática. Por isso, mobilizou-se junto à OAB de Mato Grosso para a criação do sindicato Estadual dos Aposentados, Pensionistas e Idosos. Novamente militante de uma causa.

Sua preocupação foi instigada quando os números comprovaram o que sua sensibilidade já havia evidenciado: dos 500 mil idosos de Mato Grosso, 320 mil estão amparados pelo Instituto Nacional de Seguro Social (INSS). Para fundamentar sua busca por respostas, encontrou referências na literatura de outros países que já passaram por este processo de envelhecimento que vive o Brasil, hoje, como Japão e França. E então, calcula que, com a legitimação que trará o diploma, poderá atuar de forma mais direta nessas questões que permanecem abertas em nossa sociedade.

No período final da sua graduação, e por uma exigência para a conclusão do curso, procurou um estágio na Fundação Uniselva, da Universidade Federal de Mato Grosso. Assim, há um ano e quatro meses, foi encaminhado ao Tribunal de Contas de Mato Grosso e atua na Consultoria Técnica, como revisor de ementas. Bentinho novamente se reinventa. Fica todo orgulhoso ao comentar sobre a atividade, que é de grande responsabilidade, a qual foi



confiada pelos seus jovens colegas e líderes competentes. “Pra mim é uma escola. Tenho professores como Edicarlos, Natel, Guilherme, que são auditores mas, acima disso, verdadeiros professores. É muito boa essa relação de idade (ele com 75 e os colegas com menos de 40 anos). Existe a teoria, que vamos adquirir através dos ensinamentos. E tem o outro lado, que é experiência de vida. Vou fazendo um trabalho entre a técnica e a prática e vamos acompanhando”.

Além do seu profundo crescimento pessoal, através das diversas experiências vividas ao longo de seus 75 anos, Francisco Bentinho também tem muito que se orgulhar de sua família. É pai de cinco meninas, avô de sete netos e casou-se novamente, com Mardem Lemes Barbosa. Interrompe o dedo de prosa, toma seu celular nas mãos e encontra uma foto de suas meninas, no grupo de WhatsApp, aplicativo que o mantém conectado às filhas que moram na cidade da mãe em Goiânia. Conservando o espírito aventureiro e a mente lúcida aos novos conhecimentos e tecnologias, não há substantivo possível que aprisione Bentinho numa caixinha de classificações. Professor, jornalista, advogado, contador de histórias e o que mais o tempo permitir que este homem possa ser.

Os mesmos olhos que encararam a repressão militar, agora olham para dentro, destemidos, buscando as lembranças daquele jovem sertanejo que atravessou suas fronteiras para construir uma nova narrativa sobre si. Mas, na verdade, eles sempre

“Pra mim, o TCE-MT é uma escola. Tenho professores como Edicarlos, Natel, Guilherme, que são auditores mas, acima disso, verdadeiros professores. É muito boa essa relação de idade (ele com 75 e os colegas com menos de 40 anos). Existe a teoria, que vamos adquirir através dos ensinamentos. E tem o outro lado, que é experiência de vida. Vou fazendo um trabalho entre a técnica e a prática e vamos acompanhando”

estiveram mirando o futuro, vasculhando as possibilidades que a vida possui, todos os dias: a de começar. E de recomeçar.

Publicada na Intranet em 28/9/2017





João Nunes Moreira

O olhar por detrás do volante

As beiradinhas dos olhos se apertam quando Seu João começa a relembrar e contar, em miudezas, as histórias que compõem suas andanças Brasil afora. As constantes alegrias, mas também um par de tristezas, deixaram fissuras e traços permanentes na pele do homem que já testemunhou algumas vidas passarem sob a existência. Nas mãos enrugadas, conserva a força do menino que, ainda muito jovem, deixou o pequeno sítio familiar, no interior de Mato Grosso do Sul, para encontrar uma terra mais fértil onde pudesse cultivar seus sonhos.

Tinha em torno de 20 anos, quando, no início da década de 70, mudou-se para uma fazenda da região para trabalhar na lavoura. Lá aprendeu a



pilotar o maquinário pesado. A necessidade, sua primeira mestre. Tocou os veículos de estridor robusto como pode, quando, oficialmente, tirou carteira de motorista em 78. Talvez para ele, que ganharia a vida em frente ao volante, este período tenha sido o mais significativo; afinal, além das experiências como condutor de máquinas, assumiu a maturidade advinda dos dias, deixando para trás, bem guardadinho na memória, o sorriso do menino descendente de baianos.

A experiência no volante lhe possibilitou arrumar trabalho numa usina e, posteriormente, numa empresa de material de construção, nas mediações da cidade de Coxim. As coisas até iam bem, mas não se deu por satisfeito. Já no início da década de 80, decidiu seguir os passos da família que veio para Cuiabá - primo, sobrinhos e irmão. Veio no vulto. Aqui encontrou trabalho numa empresa de ônibus, depois numa de transporte de combustível e, posteriormente, na praça, tornando-se taxista por sete anos. Recebeu uma proposta para voltar à empresa em que "puxava petróleo" e lá ficou por mais um ano, até a instabilidade econômica, à época, fechar as portas da transportadora, que migrou para o Rio de Janeiro. Ele decidiu ficar em Cuiabá.


Foram 4 meses desempregado, até que um primo comentou sobre uma vaga para motorista no Tribunal de Contas. João não hesitou em pegar essa oportunidade. Está na instituição desde o dia 9 de abril de 1996. Tem a data na ponta da língua. "É como se fosse ontem", diz.

**Foram 4 meses
desempregado,
até que um primo
comentou sobre
uma vaga para
motorista no
Tribunal de Contas.
João não hesitou
em pegar essa
oportunidade.
Está na instituição
desde o dia 9 de
abril de 1996**

Principiou como motorista do então conselheiro Terezino Ferraz, que se aposentou em meados de 2000. Após o fim da parceria, ficou disponível ao núcleo de transportes e, como tinha experiência em veículos grandes, assumiu o ônibus do Tribunal de Contas. Nesse período, o itinerário era sempre o mesmo. Passava nas principais avenidas da cidade e recolhia os servidores que trabalhavam no período da tarde.

Para tanto, saía do TCE às 11h; descia a prainha até a Dom Bosco; subia a rua sentido Cidade Alta, Ponte Nova; pegava o Coxipó e retornava. No aparelho de som, a fita da dupla sertaneja Bruno e Marrone, que dividia a opinião de alguns passageiros. Uma hora após, já havia retornado à casa. "Na-





quele período não tinha muito movimento, fazia tudo muito rápido”, comenta João.

Ele se lembra, também, da alegria e algazarra feita pelos filhos de alguns servidores que eram transportados até o Educandário Gasparzinho. A criançada pulava de banco em banco e, ele brinca, foram responsáveis por alguns de seus fios brancos. “Hoje, já tá tudo moço, grande. Vez ou outra aparece alguém aqui no Tribunal. Aí penso que tô velho... Mas tá bom. Passa rápido”, reflete.

Com 21 anos de casa, Seu João está há seis, na Secretaria de Administração. Para ele, olhar para trás é perceber que trilhou um caminho muito feliz dentro da instituição. Quando perguntado sobre os próximos passos, evidencia que já flerta com a aposentadoria, que deve chegar nos anos seguintes. “Hoje meu sonho é conseguir me aposentar. Vai chegando a idade e você sabe que o corpo sente. Daqui uns três anos eu aposento”, comenta.

Seu João vai se dedicar à pescaria porque não tem coisa melhor que pescar. Imagina que terá tempo de sobra para praticar o lazer à beira do Rio Garça. “Lá é muito bom, nem quem não pega fica de boa, tranquilo” e, de repente, transporta-se para o meio do mato, com o riso de quem lembra que tem um lugar favorito no mundo.

Além do hobbie, Seu João quer conhecer a Bahia, a terra natal de seus pais e dos irmãos mais velhos. Tem muito apego às suas raízes e gostaria de conhecer mais sobre as ascendências, mesmo que isso hoje seja improvável. Os pais e tios que vieram

de lá já faleceram, deixando apenas rastros das histórias contadas. Mesmo assim, talvez, estar lá seja o suficiente para ele se reconectar com as memórias herdadas e que ainda se manifestam no seu sotaque, que se confunde com o cuiabano.

Após anos guiando sua vida cortando o Centro-Oeste, Seu João vislumbra que, quando chegar a aposentadoria, talvez seja a hora de estacionar sua rotina, novamente, no interior de Mato Grosso do Sul. Quem sabe na cidade de Pedro Gomes, onde os pais viveram seus últimos dias. Lá todos se conhecem e o carro pode ficar na rua com os vidros abertos. Ninguém mexe. A convicção de que precisa fazer isso veio no final de 2016, após assalto à mão armada que sofreu em casa, no dia 22 de novembro de 2016.

A cidade grande é uma selva, está perigosa demais, “olha lá o Cadeia Neles pra você ver”. E João quer viver mais de 80 anos, com a saúde mantida pela caminhada, pelo jogo de futebol aos finais de semana, e pela dança. Gosta de sertanejo e forró. “Filho de nordestino... Aí já viu tem aquele sangue pro forró. Música boa é aquela música natural, como diz o outro. Gosto assim”. Talvez, lá no interior, após o peso dos anos, os sonhos que batem em seu peito possam se aquietar. Lá no interior, de volta para a casa dos pais, João, o menino e o homem, poderão se reencontrar.

Publicada na Intranet em 17/2/2017



Katia Auxiliadora Xavier

Pintando e bordando

Um breve conto da menina artesã

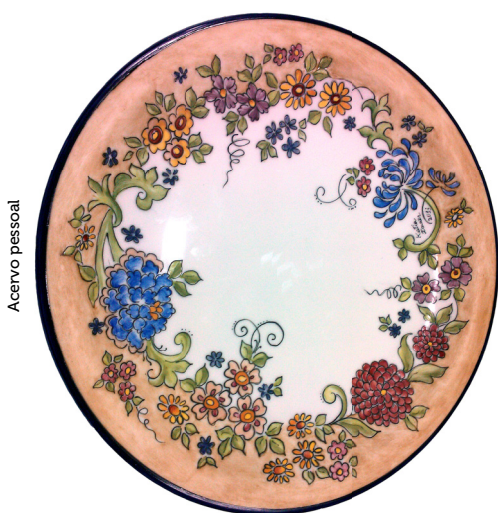
Katia Auxiliadora Xavier fez seu primeiro crochê aos cinco anos de idade. Aos pés da mãe, que era professora de Artes, começou trançando o novelo enquanto a agulha foi mimetizando o ritmo da meada. Ponto alto, ponto baixo, ponto alto, ponto baixo. Os movimentos sutilmente alternados parecem ser o de uma criança que vai deixando vestígios da tenra alfabetização sobre o papel em branco. Sua curiosidade pela vida e a vontade precoce em conhecer a técnica que há por trás de cada pequeno milagre do mundo fizeram com que principiasse, ainda na infância, outros trabalhos manuais. Será que ela já foi criança um dia?



Aos sete anos pintou a primeira tela. Lembra-se como se fosse hoje quando, da janela do Palácio da Instrução, traçou os esboços da palmeira imperial que se esgueirava pela paisagem. Queria rascunhar um animal doméstico, mas o professor a orientou a observar o cenário através da grande ventana que dá para a Praça da República. Contrariada, já sonhava com os trabalhos artísticos que realizaria livremente ao longo da vida.

Daquele primeiro contato com a tinta começou a colorir uma série de outras superfícies como madeira, vidro e porcelana. Também aprendeu outras técnicas de costura como o bordado e o tricô. Recorta, aplica, encaixa, molda e cola. Se interessa por um produto, faz cursos, pesquisa na internet, estuda e reproduz. O processo algumas vezes é lento e metódico.

Depois que conclui o expediente, cumpre o papel de mãe do Felipe, de dona de casa, de irmã e de tia, e sempre a partir das 20h, debruça-se sobre um novo intento.



Prato de porcelana pintado por Kátia, a artesã

“Quando eu vejo a obra pronta, para mim é uma satisfação muito grande. E essa sensação é ainda maior se você faz pensando no outro”

Cada produção tem seu tempo. Às vezes levam horas, outras vezes dias, meses. Por isso, serve-lhe como meditação a oportunidade de se encontrar consigo e silenciar as inúmeras ideias que lhe passam a todo instante pela mente.

Aos 52 anos, a servidora comenta que nunca vendeu uma peça sequer de sua vasta produção manual. Faz por amor e passatempo. Enfeita a casa, o ambiente de trabalho ou entrega de presente a alguém. “Quando eu vejo a obra pronta, para mim é uma satisfação muito grande. E essa sensação é ainda maior se você faz pensando no outro. Há uma troca de energia muito grande, tanto para quem recebe quanto para quem dá. Cada peça tem um valor sentimental maior do que se comprado pronto. Você produziu e pensou naquela pessoa desde a concepção da ideia até sua execução”, explica.

Poucos conseguem fazer esta leitura ampla do processo de fabricação de um produto artesanal. Sem reconhecimento não há valorização desta expressão artística que, de diversas formas e formatos, rompe a mono-



tonia dos dias. “Quem admira o artesanato é quem conhece e dá valor a ele. Porque quando um produto é industrializado ele tem um custo muito menor, é feito em série... Já o artesanato é manual, então, tem um valor de fabricação bem mais alto. Quem conhece e gosta valoriza, mas a maioria não”, reflete.

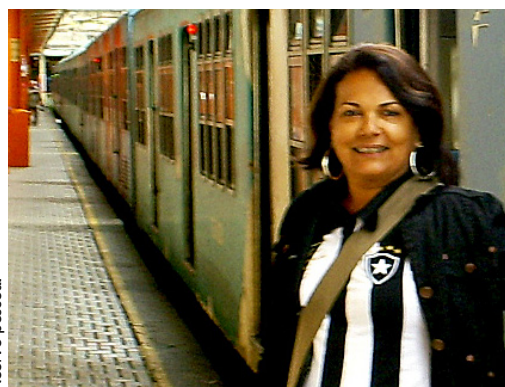
Parte destes pequenos caprichos feitos pela servidora pode ser visto no corredor do Núcleo de Qualidade de Vida no Trabalho, setor em que está lotada. As cores e os temas variam com os meses, mas os pompons de papel, cartazes e fitas enfeitadas estão sempre ali saudando com alegria os visitantes.

Engana-se, entretanto, que a vocação, curiosidade e polivalência de Katia se ramificam apenas à produção de artesanatos. Neta e filha mais velha de cuiabanos, é sambista e botafoguense de coração. Aprecia música e, desde sempre, pratica esportes. Toca cavaquinho, violão e há cerca de três meses ingressou no coral do TCE. Canta como contralto, um tipo de voz mais grave e baixo de timbre robusto. No esporte,

já jogou basquete, vôlei, handebol, praticou atletismo, salto em distância, muay thai e, hoje, faz trilhas e mantém a corrida. Neste último, começou aos 51 anos com o grupo de corrida TCE e hoje orgulha-se de percorrer mais de 5 km. “O meu esporte preferido ainda é o muay thai. Também gosto muito de basquete, mas os times femininos sempre são formados por pessoas mais novas, aí acabei me distanciando. Assisto sempre pela televisão”, comenta.

Daqui a aproximadamente seis anos pretende se aposentar, mudar para Chapada dos Guimarães e lá montar seu ateliê. A cidade é sua Pasárgada, menos acelerada; o ritmo segue o fio da meada. Não que desconsidere a agitação das grandes capitais. Parte de si sonha com a vivacidade e a reinvenção dos dias que acontecem cotidianamente no Rio de Janeiro. Tem a nítida imagem de trabalhar na Escola de Samba da Mangueira, costurando fantasias e amarrando enredos, como já fez outrora em carnavais de Cuiabá. Dois projetos de vida distintos, mas que, de uma forma ou de outra, ela tentará conciliar.

Sim, Katia já foi criança um dia. E parte de si ainda é. Permanece a mesma curiosidade infantil da menina de 5 anos que vai amarrando as muitas linhas de sua vida. Às vezes é preciso desmanchar o tecido, mas é obstinada e recomeça. Ponto alto, ponto baixo, ponto alto, ponto baixo. A menina pinta e borda com pincel e tinta; agulha e novelo nas mãos.



Acervo pessoal

Rio de Janeiro, 2011. Foto na cidade favorita, com a camiseta do time do coração

Publicada na Intranet em 14/10/2016





José Benedito Albuquerque Garcia

Causos e relatos

Uma carona com o Seu Zeca

O acontecido se deu no município de São Félix do Araguaia. A equipe de auditoria acabara de chegar para mais uma semana de trabalhos e, após se hospedar num dos hotéis da cidade, saiu para comer algo e descansar da longa e extenuante viagem de mais 1.200 Km. Seu Zeca, que conduzia a turma, procurou por um restaurante em que pudesse passar tempo suficiente para recobrar os ânimos da mente (e do estômago) de modo que conseguisse enfrentar a semana que mal havia começado. Tudo seguia tranquilamente como de costume, até que todos retornaram ao hotel.

Lá chegando, notaram que os objetos pessoais e as malas haviam sido



transferidos para outros quartos. Tudo porque um grupo de indígenas havia chegado procurando guarida e teimaram em escolher os quartos já ocupados. Sem hesitar, o hotel remanejou os hóspedes, permitindo que os indígenas ficassem nos quartos elegidos. Foi um quiproquó, que só se resolveu quando a equipe decidiu peregrinar em busca de outra hospedagem.

O episódio, inicialmente constrangedor, tornou-se motivo de risos e boas lembranças dentre as quais Seu Zeca coleciona em suas andanças pelo Tribunal de Contas. Em 15 anos cortando as estradas do Estado em todas as direções e conduzindo a instituição por mais de 130 municípios, José Benedito Albuquerque Garcia, o Seu Zeca, vê, em diversos pontos da vida, a sua história pessoal atravessar a sua trajetória profissional. Não tem como ser tão somente motorista: às vezes é preciso ser amigo ou um bom ouvinte em viagens que chegam a durar 25 dias.

Tudo o que sabe sobre a sua profissão aprendeu com o pai, que viveu e se apo-

sentou como taxista. Desde criança, num tempo em que havia muito mais chão e terra batida que asfalto, acompanhava-o em percursos improváveis quando a poeira não permitia ver um palmo à frente do carro. “O que sei de direção devo ao meu pai. Procurei absorver tudo o que ele me ensinou e, hoje, tento colocar em prática o que faço e passar para o meu filho. Ele me colocava pra ir guiando no colo e viajávamos por estradas de chão. Diante daqueles trajetos, hoje fica fácil dirigir em qualquer estrada”, relembra orgulhoso.

Tamanha experiência é fundamental para que toda a equipe do Tribunal de Contas execute as auditorias e os eventos realizados no interior do Estado com segurança, de forma que as funções de fiscalização e orientação aconteçam irretocáveis. “Já houve duas situações em que fomos fechados, jogados pra fora da estrada, mas eu consegui voltar. Poderia ter acontecido uma tragédia se não fosse a experiência, mas primeiramente a mão de Deus”, comenta Seu Zeca.

Uma carona com o Seu Zeca significa dar um passeio por muitas histórias vivenciadas no interior do Estado



A linguagem quase sempre silenciosa da estrada parece ter se encontrado com a tranquilidade e gentileza com que ele não só guia o volante, mas também conduz sua vida cativando a quem passa por ela. Em dois dedos de prosa, a conversa flui, dando a impressão de que nem o trânsito mais tumultuado poderia lhe tirar a paciência. A postura confiante faz com que Seu Zeca seja muito disputado por todo o Tribunal.

Atualmente está lotado na Secretaria de Controle Externo de Obras e Serviço de Engenharia. "Eu fico muito feliz porque nunca tive problema com as equipes, jamais. Fico orgulhoso deles me aceitarem como condutor. Nunca chegou uma queixa, pelo contrário, nesses anos todos só conquistei amigos. Não tenho o que reclamar", relata.

Aos 59 anos, dos quais 33 foram dedicados ao serviço público, Zeca diz que a aposentadoria é um evento distante, que ainda não está nos planos. "Gosto de estar no trecho, gosto da minha profissão. Já tive oportu-



Os "causos" do Seu Zeca nos ajuda a contar a história do TCE

"Gosto de estar no trecho, gosto da minha profissão. Já tive oportunidade fazer outras coisas, mas é isso que me realiza. A pessoa que não gosta do que faz, não vai fazer um bom serviço"

tidade fazer outras coisas, mas é isso que me realiza. A pessoa que não gosta do que faz, não vai fazer um bom serviço", afirma.

O orgulho que sente em ser motorista representa também a admiração que tem pelo Tribunal de Contas, instituição que carrega consigo simbolicamente no lado esquerdo do peito através de um broche azul de bordas douradas. "Eu faço questão de usar o botom do TCE, é meu orgulho prestar serviço a esta instituição. Além disso, é uma forma de me identificar quando estou com o pessoal nas estradas" confirma. Nas inúmeras histórias relatadas pelo servidor, o sentimento de respeito e amor é atravessado pela missão de guardar consigo inúmeros causos, relatos e confidências. Sorte de quem puder, um dia, pegar uma carona com Seu Zeca.

Publicada na Intranet em 27/9/2016

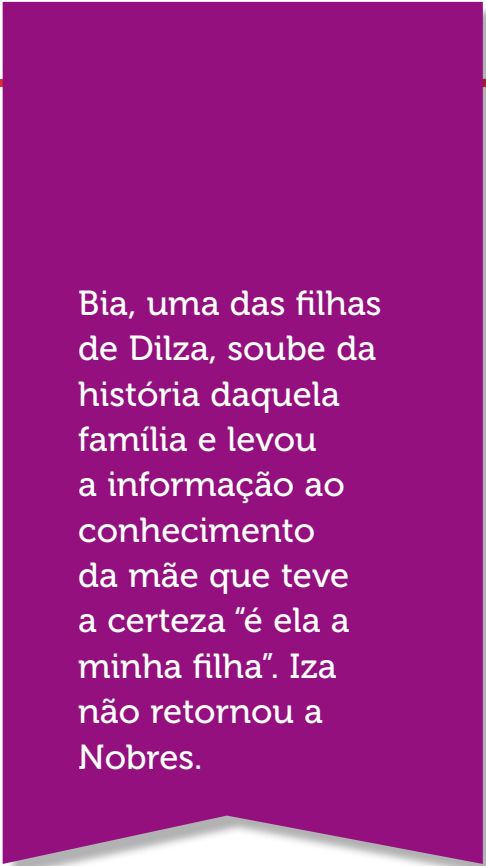


Izaltina Cornélia de Arruda Moreno

Drama, romance e comédia no roteiro de vida de uma personagem do real

Ato I – A vida é um redemoinho


Izaltina Cornélia de Arruda Moreno tem nome e sobrenomes compridos para a artista do cotidiano que é. Por isso, apenas a alcunha Iza Moreno lhe cai melhor. Soa mais meticoloso, atinado e propriamente artístico. A baixa estatura e o carinho que desperta em quem passa por seus dias também



Bia, uma das filhas de Dilza, soube da história daquela família e levou a informação ao conhecimento da mãe que teve a certeza “é ela a minha filha”. Iza não retornou a Nobres.

Ihe renderam o chamamento “Izinha”. Aqui no Tribunal de Contas, a servidora do Cerimonial é mais conhecida por este último. Ela é um dos rostos que dá as boas-vindas a quem vem de fora e que sempre está a postos nas primeiras horas da manhã para saudar os servidores com um cumprimento espontâneo, às vezes, até forjando um “mau humor” com seu sempre bem-humorado estado de espírito.

Este seu jeito de enfrentar a rotina com alguma graça e leveza talvez seja a fórmula peculiar que ela encontrou para reinventar os próprios dias, imprimindo identidade às diversas personagens articuladas no palco que é sua vida. Além de profissional, Iza é mãe, filha, irmã, amiga e uma mulher de 55 anos cheia de sonhos. E vivencia cada uma dessas faces como se houvesse saído de um filme felliniano, apesar do seu roteiro de vida ser cheio de reviravoltas, mais próximo aos grandes dramas de Shakespeare.



O grande primeiro ato de seu espetáculo teve como revés a orfandade por parte de mãe, Domingas, que a deixou quando menina, aos 10 anos de idade. A família vivia na cidade de Nobres e veio a Cuiabá em busca de tratamento à gestante adoecida, que não resistiu. Além dela, Domingas deixou uma filha mais velha, que à época já estava casada, um menino de 8 anos e o próprio bebê que teve seu paradeiro perdido nos primeiros meses.

Diante da tragédia, que foi a morte da companheira por complicações na gravidez, o pai de Izinha, Francisco, acreditou que seria muito difícil criar e formar sozinho as crianças. Francisco, então, comentou com parentes que os estavam apoiando em Cuiabá sobre a sua situação e intenção de encontrar outro lar para, pelo menos, um dos filhos. Uma das primas de Iza, que era costureira numa boutique de luxo na capital, fez o elo entre a família biológica e a que iria receber a jovem Iza. Assim, neste enredo, novas personagens foram tornando-se protagonistas. Estava tudo nas cartas.

Dentre elas, a figura da jovem senhora Dilza Bressane foi fundamental como gancho desta reviravolta. Casada e mãe de três filhos crescidos, ela foi informada por uma cartomante de sua confiança de que teria mais uma filha. Dilza sorriu incrédula com a possibilidade, desacreditou na mulher e foi embora.

Tempos depois, Bia, uma das filhas de Dilza, soube através de uma amiga a história daquela família que buscava melhores condições de vida para as crianças. Levou,



então, a informação ao conhecimento da mãe que imediatamente teve a certeza “é ela a minha filha”. Iza não retornou a Nobres.

Ato II – O amor transgressor

Com a guarda provisória de Iza em mãos, Dilza e o esposo Carlos Carvalho Bressane foram confiados pelo pai da menina, Francisco, a cuidarem dela até que

sação traumática de perda da mãe. Iza saiu de um distrito simples de Nobres, para uma casa de luxo no Leblon. Ela, que jamais havia sonhado com a possibilidade de conhecer o mar, agora morava de frente para ele.

O Rio de Janeiro a arrebatou, com sua imensidão e belas paisagens. Aos poucos, a menina foi se adaptando, com o apoio e o esmero de seus pais adotivos. Eles também se tornaram seus pais; e ela sua menina. Naquela grande cidade, ela teve oportunidade



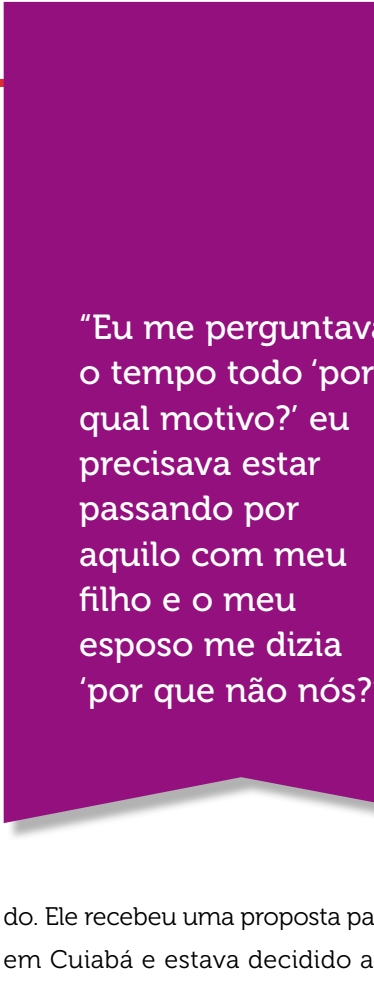
A superação diária já é um bom motivo para sorrir

completasse seus 18 anos. O casal que passava as férias em Cuiabá retornou ao Rio de Janeiro com o ideal de auxiliar aquela família e, em especial, de promover condições ideais para o desenvolvimento da menina assustada, que por um longo período, teve medo de dormir sozinha. Talvez tenha sido grande demais o choque cultural e social que aprofundou ainda mais a recente sen-

de estudar numa boa instituição de ensino e, ao longo dos 16 anos que esteve por lá, veio visitar o pai e os irmãos esporadicamente. Sua vida seguia bem e estruturada.

Quando completou seus 26 anos, Iza se sentia plena. cursava Administração, trabalhava na Barra e tinha no trajeto a companhia do mar. Estava apaixonada, não só pela vida, mas também pelo namorado Leonar-






“Eu me perguntava o tempo todo ‘por qual motivo?’ eu precisava estar passando por aquilo com meu filho e o meu esposo me dizia ‘por que não nós?’ ”

do. Ele recebeu uma proposta para trabalhar em Cuiabá e estava decidido a vir. Diante do empasse, Iza não pensou duas vezes: iria acompanhá-lo. Contrariando a mãe, juntou dinheiro, vendeu lanches na praia e deixou tudo para retornar à capital que sempre esteve no meio de seus trajetos.

Ato III – Desafios no caminho

Chegando aqui, decidiram oficializar a união. Casaram-se no ano de 1987 e ela engravidou pela primeira vez. A gestação foi interrompida por um aborto espontâneo, fato que preocupou e redobrou toda a atenção dos médicos que acompanharam a sua segunda gestação para que dessa vez ela não perdesse o bebê. Em 1988 trouxe ao mundo seu primeiro e único filho: Rafael.

Apesar de muito forte, o menino nasceu com lábio leporino e fenda palatal, o que assustou a mãe de primeira viagem. A ten-



são dos primeiros dias e a impossibilidade de amamentá-lo fez com que ela perdesse o fluxo de leite, obrigando-a a recorrer a uma prima que havia tido bebê contemporaneamente. As mamadeiras do pequeno Rafa eram importadas e a situação se comprovou ainda mais traumática para mãe e para o bebê que precisava ter as mãozinhas amarradas para ser alimentado. “Foi difícil essa descoberta, ver meu filho assim. Eu não conhecia a doença e foi muito complicado no começo. Não poder amamentar... E depois imaginar todas as cirurgias que ele viria a fazer me assustavam”, comentou. Foram três procedimentos feitos até o menino completar três anos.

Aos seis meses, Rafael passou pela primeira cirurgia corretiva, que foi realizada num Hospital especializado em Bauru, São Paulo. Um dos médicos que o atendeu, tinha suspeita que o bebê poderia ter síndrome de Down e solicitou um exame de contagem cromossômica.

O resultado veio três meses depois, quando a família já estava em Cuiabá. O laudo positivo para o Down assustou novamente a mãe, que também desconhecava a síndrome. O apoio do marido foi imprescindível para lidar com todos os desafios que lhe surgiram. “Eu me perguntava o tempo todo ‘por qual motivo?’ eu precisava estar passando por aquilo com meu filho e o meu esposo me dizia ‘por que não? Por que não nós? Deus escolheu a gente para enfrentar isso’. E isso me tranquilizava. Ele foi uma pessoa muito importante nesse primeiro momento”.

Após o nascimento de seu filho, Iza se-



guia com sua vida de mãe e esposa. Concluiu suas múltiplas atribuições com a faculdade de Geologia pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), cuja formação se deu no ano de 1995. Nunca chegou a exercer a profissão. Para continuar fornecendo uma boa estrutura da capital para o desenvolvimento do filho, abriu mão das propostas de trabalho no interior do Estado.

Não muito tempo depois de ter concluído a graduação, o casamento com Leonardo também chegou ao fim. O marido manteve contato por telefone até meados de 2000, quando sumiu e sequer procurou pelo filho ou arcou com algum custo. Neste período e sempre com algum otimismo, Iza começou a fazer marmitta em casa para vender e complementar a renda de assessora de parlamentar na Câmara de Cuiabá. Quando novamente se viu desempregada, Iza recebeu um convite para, no ano de 2000, iniciar os trabalhos no Tribunal de Contas. Ela acabou abrindo mão do negócio que foi sucesso espontâneo para além dos muros de sua residência no Coxipó.

Em 2003, ela arrendou um "pitdog" que sempre estava às moscas em frente ao seu condomínio. Em pouco tempo, fez dele um sucesso. Seu diferencial era o humor e a forma peculiar com que lidava com os clientes. "Eu não gostava de fazer lanche porque a chapa era muito alta e eu queimava meu braço. Eu gostava só de servir cerveja, refrigerante... Aí as pessoas me pediam um lanche e eu falava 'mas por que você não come esse lanche em outro lugar?'. Acho que, sem querer, criei um *marketing*, com essa brin-

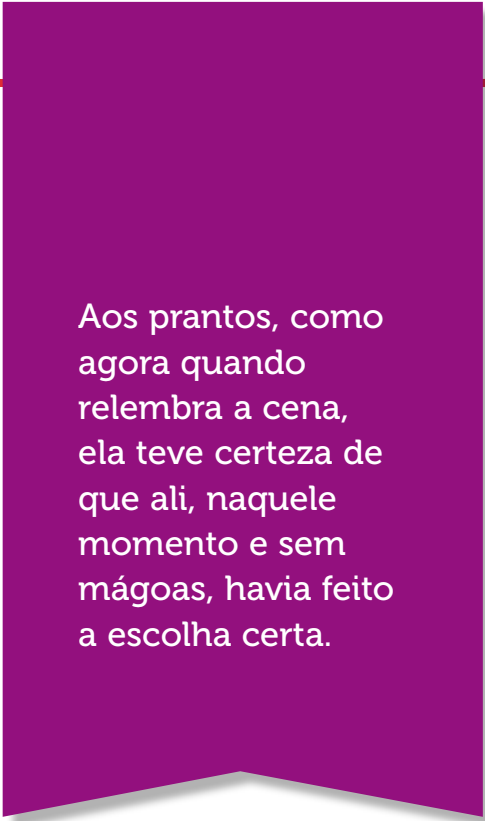
Em 2006 Iza desmoronou. Ela não sabe dizer ao certo o que a desencadeou a síndrome do pânico. Só sabe que, de repente, lá estava ela, no mesmo ponto de ônibus de sempre, a caminho do trabalho, quando levou a mão ao peito com uma imensa aflição e falta de ar

cadeira de mandar os clientes comerem no McDonald's e aí começou a bombar, coloquei som, TV. Me queimava toda mas me divertia e fazia sucesso". Mas o dono "cresceu o olho" e, após 10 meses, pediu o ponto de volta. Quebrou em seguida.

Ato IV – Mais uma grande tragédia

Em 2006 Iza desmoronou. Ela não sabe dizer ao certo o que a desencadeou a síndrome do pânico. Só sabe que, de repente, lá estava ela, no mesmo ponto de ônibus de sempre, a caminho do trabalho, quan-






Aos prantos, como
agora quando
relembra a cena,
ela teve certeza de
que ali, naquele
momento e sem
mágoas, havia feito
a escolha certa.

do levou a mão ao peito com uma imensa aflição e falta de ar. Precisou ser acudida por transeuntes. Dia após dia, vinha-lhe a mesma sensação, que progredia à medida em que ela se aproximava do local da crise.

Sofrendo em silêncio, segurando as pontas como podia e dissimulando sua dor com seu mau humor brincalhão, Iza foi surpreendida com uma agenda na psicóloga do TCE, que ligou para ela solicitando sua presença no consultório. Sem entender ao certo o que se passava, Iza decidiu aproveitar o acaso e abriu sua alma.

Derramou-se sobre a mesa da profissional, revelando uma depressão da qual, sozinha, ela não conseguiria sair. Foram 4 anos oscilando nesta crise, enfrentando seu próprio orgulho para falar sobre a doença com pessoas próximas que achavam que era apenas “frescura”. A doença lhe furtou até o prazer em sorrir: perdeu a conta de quantas vezes marcava o dentista e não tinha coragem de sair de casa.



Fragilizada, Iza não contava com outra reviravolta no enredo de seus dias. Numa noite de 2008, seu ex-marido bateu à sua porta para rever o filho. Sem dinheiro, ele estava de passagem por Cuiabá após romper um outro casamento. Ela concordou com o reencontro. Quando o filho o avistou com as malas, reconheceu-o e disse “pai”. Aos prantos, como agora quando relembra a cena, ela teve certeza de que ali, naquele momento e sem mágoas, havia feito a escolha certa.

Ato V – A vida se amansando

O ex-marido ficou por um ano morando com eles como se ainda fossem uma família. Rafael deixou o quarto para o pai e passou a dormir com a mãe, num hábito de cumplicidade e parceria que persiste até hoje. Em 2013, Leonardo retornou ao Rio de Janeiro. Desta vez, Iza garante que ele está diferente e mantém contato como um grande amigo. Em 2016, quando ela fez uma cirurgia no tendão do braço, o ex-marido veio do Rio de Janeiro e permaneceu com ela por três meses para auxiliá-la. Hoje, segundo Iza, ele tem honrando o sobrenome que ela fez questão de manter após o divórcio: Iza Moreno.

Ato VI – Redenção

“Faz um photoshop na minha barriga!” ordena ela ao fotógrafo enquanto faz as



fotos que compõem esta matéria. O fotógrafo, Negrini, não familiarizado com o jeito brincalhão de Iza se assusta, mas ela manda um beijo para ele e quebra o gelo. “Olha lá hein, me deixa magra nessas fotos”, diz com sotaque carioca arrastado, acreditando ingenuamente que as edições nas imagens podem esconder as consequências de sua paixão por cerveja.

Hoje, a servidora está leve, mas carrega na pele as marcas de sua história cheia de reviravoltas. Há alguns anos, perdeu o pai e o irmão biológico. Também se foi seu pai adotivo. Dilza mora em Cuiabá, com a filha Bia. Hoje esta é a parte da família com que ela mais mantém algum contato. E também têm seus vizinhos, que são mais que seus amigos e auxiliam sempre que possível com o Rafa.

Se depender de Iza, alguma outra reviravolta para melhor ainda está por vir em sua história. Por ora, e depois de ter tirado a carteira de motorista, seu objetivo é comprar um carro, para, talvez assim, ter mais liberdade de sair para onde quiser com o filho. Não que ela vá ter coragem de dirigir, mas isso é outra história.

Mais para frente, depois da aposentadoria, quer retornar ao Rio de Janeiro ou a alguma outra cidade litorânea que tenha uma vista tão bonita quanto o Leblon de sua adolescência. Quando estiver por lá, e aí sim, o enredo de sua vida poderá cessar seu clímax e ter um ponto final. Pela última vez, quem sabe.

Publicada na Intranet em 20/4/2017





superação



Maria Edileuza Metello

Os caminhos de uma peregrina

O terceiro dia é o mais extenuante. As dores nos pés se entranham como raízes pontiagudas que, com suas ramificações, enrijecem os músculos das pernas e dificultam a caminhada. Pesa. Atrás de si, pouco mais de 75 km de asfalto, terra batida e areia molhada percorridos em trilhas íngremes na região litorânea do Espírito Santo. Nos limites do próprio corpo, o que ainda lhe move? As paisagens, os relatos ouvidos no percurso e a vontade de perfazer um caminho que é mais de dentro, que do mundo.

O depoimento é dado pela servidora Maria Edileuza Metello, de 47 anos, que vivenciou uma experiência única ao longo do roteiro turístico, cultural e histórico conhecido como "Os Passos de Anchieta". No mês de maio de 2016, acompanhada do marido, Edileuza deixou Cuiabá e por 4 dias realizou

No terceiro dia eu sentia uma vontade de parar tudo e voltar pra casa. Dói na alma a inflamação dos músculos

a travessia de 100 km à pé entre as cidades de Vitória e Anchieta. Na mochila, algumas peças de roupa, cantis, isqueiros e um kit para primeiros socorros; pouco material mas que, ao final de longas sete horas de caminhada, pesa como fardo, de modo que nem o cajado é capaz de ajudar a sustentar o corpo.

Mesmo acostumada a se movimentar, seja com a dança, o pilates, a caminhada ou a própria corrida de rua, a servidora diz que nenhuma ação preventiva poderia tê-la preparado para enfrentar tamanho desgaste físico e mental. “No terceiro dia eu sentia uma vontade de parar tudo e voltar pra casa. Dói na alma a inflamação dos músculos. Disseram-me que se eu passasse dessa etapa, a próxima seria tranquila e eu consegui com o apoio do meu marido e de todas as pessoas que passam pelos nossos caminhos”, comenta. Ao final do roteiro, forma-se uma população flutuante com quase quatro mil peregrinos, que são recebidos pelos munícipes do caminho com pequenos banquetes e festividades.

Para a servidora, apesar da exaustão, é preciso “fazer a leitura do caminho”, conectar-se com as inúmeras histórias de vida que se cruzam nos trajetos percorridos e se abrir à contemplação das paisagens que lhes chegam aos olhos. “Tem coisas que acontecem de maneiras inexplicáveis, como uma música que toca e que faz refletir sobre um problema. Nos momentos mais exaustivos, era a fala de uma pessoa que se aproxima e te motiva” conta.

Mantendo o contato com outras pessoas e histórias, a peregrina comenta que os momentos de solidão também foram fundamentais para que a experiência se tornasse única e transgressora. “Nesses quatro dias eram eu, meu limite, minha



Acervo pessoal

Nos caminhos de Anchieta, algumas companhias inesperadas ajudam o caminhar



Acervo pessoal

Trilhas por Chapada dos Guimarães foram importantes para preparar o corpo e a mente

capacidade de perdoar e minha vontade de mudar sentimentos dentro de mim. A gente se vê obrigada a deixar momentaneamente as coisas materiais e consegue se encontrar plena de uma energia diferente, da natureza”.

A servidora, que está lotada na secretaria de controle externo da 1ª relatoria, afirma que as suas peregrinações não param por aí. Pegou gosto pelas andanças e pelo processo íntimo de autoconhecimento e de superação. Ainda em 2016, entre os dias 11 e 16 de novembro, ela fará o roteiro entre Cambará do Sul e o município de São Francisco de Paula. O objetivo é que, no próximo

ano*, ela percorra os “caminhos de Santiago de Compostela”, na Espanha, que corresponde a um trecho de mais de 750 km de distância. Prevê que serão quase dois meses de peregrinação.

“Quem sou eu diante de tudo isso?”, questiona a andarilha no desfecho de cada empreitada, sabendo que a resposta vem no compasso sóbrio, íntimo e modesto do passo: vem no caminho.

Publicada na Intranet em 15/7/2016

* No dia 27 de agosto de 2017, a servidora iniciou sua caminhada rumo a Santiago de Compostela pelo caminho francês. O trajeto foi realizado em 32 dias e totalizou 820 km.





Flavia Ferreira Haddad

Nas tramas da vida

Em busca de um novo sentido

O enredo que permeia a história de vida da psicóloga Flavia Haddad poderia ter sido retirado de um dos contos mais notáveis de Clarice Lispector. Assim como acontece com a trama das personagens Joana, do livro “Perto do Coração Selvagem” e Ana, do conto “Amor”, um momento de epifania transforma o compasso dos dias e submerge o cotidiano numa realidade crua, conflitiva de sensações e emoções. A partir de determinados eventos, as personagens veem suas vidas se transfigurarem em fluxos de consciência e se percebem expostas às suas próprias questões psicológicas e existenciais.

Quando perdeu os movimentos e a sensibilidade das pernas após um



grave acidente de carro em junho de 2009, Flavia se viu envolta nesta profusão de dilemas que a transformaram por completo. Seu corpo e sua mente foram igualmente dilacerados, mas com tempos diferentes de recuperação: lentos, arrastados por expectativas continuamente frustradas. Enquanto as dores das vértebras e costelas quebradas, da lesão no pulmão e das posteriores infecções eram exaustivamente remediadas, as fragmentações psíquica e emocional só ensejaram o restabelecimento um longo período depois, quando ela aprendeu a ressignificar o seu próprio mundo, conhecer suas fronteiras e limitações para, então, como uma estrangeira de si mesma, coabitar-se. Este processo, confessa, ainda não se concluiu.

A filha Maitê, com três anos à época do acidente, foi a principal razão para que conseguisse transitar por este novo mundo e suportar os longos meses que se sucederam em clínicas de reabilitação fora do Estado. “Minha filha foi minha força. Num momento divino, quando eu vi que já estava desistindo de lutar, ela pediu pra eu suportar, porque ela precisava de mim. Ela usou as palavras “mãe, você não pode me deixar porque eu preciso de você” e foi aí que eu repensei toda a minha condição. Percebi que seria uma fraqueza muito grande eu ter gerado uma vida e depois deixá-la”, analisa.

Além da filha, de suas duas irmãs e de seus amigos, Flavia, que hoje está com 36 anos, contou com o apoio dos pais, que, dia após dia, procuraram meios para aprender a lidar com as suas necessidades, seus conflitos e sua não-aceitação. “Minha mãe, Már-

**Mãe, você não pode
me deixar porque
eu preciso de você**

cia, foi uma rocha durante todo esse processo. Faltam palavras para descrever o que ela representou e representa na minha vida. Costumo dizer que ela cuidou de mim e das minhas irmãs e de mim novamente, porque eu dependia dela pra tudo. Já meu pai, Esper, ah, ele é o coração, o sentimento... Ele chora até hoje, sente saudades lembrando daquela Flavia”, comenta.

Para ela, poucos elementos, além da personalidade cativante, do sorriso fácil e da essência durona, restaram da mulher de antes, que não existe mais. Por isso, são sempre sofríveis os momentos em que precisa visitar o baú com as inúmeras lembranças de si mesma; memórias que lhe despertam uma nostalgia amarga, saudosista do dinamismo da vida que lhe foi furtada e de toda a liberdade que seu corpo experimentava em poder ir, vir e sentir. “Sinto falta das coisas mais banais como tomar banho em pé. Sinto falta de pegar o carro sem dar satisfações, levar minha filha comigo e ir a uma cachoeira em Chapada dos Guimarães, sentir a correnteza da água”, reflete.

Após sete anos, a servidora explica que só hoje consegue perceber sua condição de forma mais leve. Reconciliou-se com



Deus, com sua espiritualidade e, vez ou outra, enfrenta a falta de acessibilidade nas Igrejas para vivenciar a sua fé. "Eu aprendi a orar sozinha e o faço o tempo todo. Percebi que não há nada mais sensível e profundo a se fazer por alguém do que se orar em silêncio. Há pouco, fui a uma Igreja e descobri que havia um grupo de orações em meu nome. Ou seja, semanalmente, alguém que eu nem imaginava colocava

meu nome em oração. Chorei como criança. Experiências como estas me fortaleceram e eu entendi que tudo depende dos óculos que você utiliza para enxergar os seus dias. Hoje, os meus são cor-de-rosa. Mas nem sempre. As vezes você acorda e precisa chorar, então chore. É importante você se propor um caminho e ter a convicção de que amanhã haverá outro dia", pondera.



O triciclo motorizado e personalizado com adesivos brilhantes facilita a locomoção

O presente e o passado vão fazendo as pazes, mas a inquietude da paraplegia não se esgotou. A psicóloga ainda deposita suas fichas nas pesquisas com células-tronco para que recupere a sensibilidade e o movimento. "Não sou hipócrita de afirmar que sou uma mulher melhor por conta do acidente, mas acredito na minha força e a minha felicidade por conta da maturidade adquirida. Para mim, o sofrimento e a revol-

ta que são consequências da lesão medular só trazem coisas ruins, você perde, não ganha. Se forem disponibilizadas as tecnologias desenvolvidas com a célula-tronco eu farei sim", pontua otimista.

Enquanto aguarda estes avanços, Flavia faz o possível para viver o seu próprio cotidiano da forma mais convencional possível, encontrando qualidade de vida através do trabalho, dos estudos, dos aperfeiçoamentos



profissionais, dos atendimentos a pessoas com deficiência e, sobretudo, do convívio com familiares e amigos. É mãe, filha, irmã, amiga, profissional, e faz questão de ocupar todos estes espaços com sua inteligência, beleza, força e energia.

No Tribunal de Contas, pode ser vista perambulando com seu triciclo motorizado e customizado com lantejoulas brilhantes cor de rosa. Aqui, encontra um ponto com o qual se conecta ao passado. Quando se acidentou, Flavia trabalhava há seis anos na instituição, lotada no gabinete do conselheiro José Carlos Novelli, e estava prestes a se graduar em Administração. Após o acidente, decidiu voltar à Psicologia, sua paixão antiga. Na vertente existencialista, encontrou meios de enfrentar sua condição e se fortalecer diante das adversidades. Há cerca de um mês, retornou ao Tribunal de Contas. Também atua em seu consultório particular no período da tarde e, pela noite, atende a empresas e clínicas terapêuticas com palestras motivacionais.

Esta sua vasta trajetória, em tão curto tempo de vida, aproxima-se com a de outros brasileiros que lidam com algum tipo de deficiência. Hoje, dia 21 de setembro*, celebra-se o “dia nacional de luta dos portadores de deficiência”, o que representa, de acordo com o IBGE, 6,2% da população. Conforme explica Flavia, a data é muito significativa, porque, no país, ainda são muitos os limitadores sociais que impossibilitam a qualidade de vida a essa parcela da população. “O dia nacional da luta dos portadores de deficiência representa uma luta de braços erguidos, punhos cerrados... Ainda nos de-

Eu cotidianamente dou minha cara a tapa, compro essa briga e procuro ser a voz dos meus pares, porque sei que muitos não se pronunciam. É importante se impor e falar sobre isso

paramos com a péssima logística de rampas nas calçadas, por exemplo... Com motoristas que estacionam nas vagas destinadas a nós. Eu cotidianamente dou minha cara a tapa, compro essa briga e procuro ser a voz dos meus pares, porque sei que muitos não se pronunciam. É importante se impor e falar sobre isso. Meu depoimento vai nesse sentido”, defende.

As experiências da psicóloga refletem-se em outras histórias de superação, de tentativa, aprendizado e de ressignificação da vida. Flavia não foi um tipo desenvolvido nas tramas lispectorianas, mas é uma personagem do real, demasiadamente humana, que, de ponto em ponto, vai amarrando os retalhos de sua vida, de suas narrativas, ensejando um enredo com final feliz.

**Publicada na Intranet em 21/9/2016
(Dia Nacional de Luta da
Pessoa com Deficiência)**





Francineth Ourives de Campos

“Eu sobrevivi”

Uma história de luta contra o câncer

Francineth precisou morrer em alguns momentos para só então sobreviver. Foram 12 vezes em que passou por sessões de quimioterapia e em cada uma delas, gradativamente, percebia os efeitos que o medicamento intravenoso ia causando em seu corpo. Conviver com o enjoo, por exemplo, tornou-se uma constante, assim como lidar com a pele que foi se esquadrinhando e com a boca ferida por dentro. Nem se quisesse conseguia chorar: apalpava os olhos em vão, pois as lágrimas haviam secado. Deparar-se com essa morte física e simbólica vinha no exato instante em que os quimioterápicos seguiam percorrendo suas veias. Sentia o corpo afundando na poltrona, esvaindo-se



como as células destruídas.

Mas era neste mesmo instante, com o desfalecimento do corpo, que ela voltava toda sua mente para retomar o ânimo e fortalecer seu espírito. Intimamente, havia prometido para si mesma, aos pés da santa de quem é devota, Nossa Senhora Aparecida, que não desistiria da luta épica que travaria dali em diante, diariamente. Deixou no altar que tem em casa, junto a uma prece, o laudo do diagnóstico de câncer de mama. Nas fases mais críticas do tratamento, como quando começaram a cair seus cabelos, a partir da 2ª sessão de quimioterapia, lembrava-se da ave símbolo da mitologia grega, a fênix, que se recolhe e renasce de suas próprias cinzas. E se tinha uma certeza que carregava consigo desde o início era a de que, tal qual a ave, conquistaria sua redenção.

O diagnóstico de carcinoma tipo 1 veio quando tinha 38 anos. Sentia-se bem; não possuía histórico familiar da doença; não percebia nódulos e estava fora da idade de maior risco (a partir dos 55 anos). Não imagina, portanto, quando fez seus exames de rotina, que o papel com escritos complicados e jargões médicos apontaria a direção para o caminho mais difícil de sua vida até ali, do qual não seriam permitidos contornos ou atalhos, mas apenas percorrer.

À época, a servidora ainda trabalhava no mesmo setor de quando ingressou no Tribunal de Contas como estafeta mirim, aos 17 anos de idade: na Secretaria do Pleno. O ritmo das sessões era extenuante, sobretudo às terças, quartas e quintas-feiras, quando os processos eram deliberados. Todo o tra-

Nas fases mais críticas do tratamento, como quando começaram a cair seus cabelos, a partir da 2ª sessão de quimioterapia, lembrava-se da ave símbolo da mitologia grega, a fênix, que se recolhe e renasce de suas próprias cinzas. E se tinha uma certeza que carregava consigo desde o início era a de que, tal qual a ave, conquistaria sua redenção

balho era manual e feito e refeito repetidas vezes na máquina de escrever. Até estar tudo correto. Quando adoeceu, concluiu que não conseguiria cumprir com o mesmo desempenho suas atribuições. Foi tanto por uma escolha pessoal, quanto pelas limitações físicas deixadas pelo tratamento, como a sensibilidade acentuada e a pouca mobilidade do braço direito. Afastou-se por dois anos da instituição, período no qual fez a cirurgia de quadrantectomia (na qual se retira 1/4 do seio); as sessões de quimioterapia a cada 21 dias; e o tratamento com radioterapia.

Neste hiato, contou com o apoio integral das irmãs, Elizabeth e Valdeh; dos fi-





Perder os cabelos foi o momento mais difícil. Hoje ostenta a significativa transformação pessoal

lhos Thiago e Carlinda; e principalmente da mãe, Maria Eulalia, que veio de Nobres para acompanhar a filha em tratamento. Para ela, a formação dessa rede de apoio ao paciente com câncer é o segundo ponto que torna possível vencer a doença. A primeira é a fé pessoal. Lembra-se quando, após as sessões de quimioterapia, a mãe insistia para comer uma colherada a mais, mesmo ela não tendo apetite para ingerir uma sequer. E lembra-se também que por esse tempo seu alimento favorito era a água do cozimento de batata, que não tem gosto nem cheiro de nada. Da mesma forma, recorda-se quando as irmãs a puxavam para cima e insistiam para ela tomar um pouco de sol e sair de casa, nem que fosse, apenas, para flunar pelos corredores dos shoppings. “A força vem da mulher”, resume ela, que mesmo amparada, sentiu-se no dever de também amparar as pessoas a sua volta.

Franccineth Ourives de Campos ou Francis, como é conhecida pelo Tribunal de Contas, também recebeu muito apoio dos demais

servidores e amigos de trabalho. Ela recorda, por exemplo, que a parte mais difícil do tratamento foi perder os cabelos e ali, diante do espelho, ela se percebia doente. Muito vaidosa, guardou no coração o dia em que seus companheiros de Tribunal juntaram dinheiro para comprar uma peruca e foram até sua casa entregar. “Foi uma alegria tão grande que eu já quis colocar na hora”, recorda. “São passagens que não esquecemos. Quem tem amigos tem um tesouro”, comenta.

Outro momento que a impactou profundamente foi quando recebeu a ligação de um senhor que vende torradas em frente ao Tribunal de Contas, todas as terças e quintas-feiras. “Eu recebi uma ligação dele dizendo que havia sentido minha falta e passaram meu telefone a ele. Quando eu atendi, ele disse que estava orando por mim, disse que sou uma pessoa maravilhosa e agradeceu pois, se está vendendo suas torradas, é porque tem a minha contribuição também. Além disso, ele fez uma oração comigo por telefone. Isso me marcou demais, porque



achei um gesto tão grande de uma pessoa que só tem contato comigo na venda. Há tanta amizade, tanto carisma que a gente não sabe a dimensão”.

A todos estes momentos a servidora atribui a sua melhora. E, segundo ela, o seu engrandecimento pessoal também foi potencializado por todos os momentos difíceis que passou nestes longos anos. “Foi uma purificação em vida”, reflete. Segundo ela, nem todos precisam passar por situações tão difíceis para repensar seus dias. Mas é importante se deixar abrir a todo o aprendizado advindo dessas experiências.

Quase 10 anos depois, Francis segue com o tratamento de hormonioterapia, para inibir a produção de alguns hormônios e diminuir a possibilidade de recidiva do câncer de mama. É preciso enganar o próprio corpo para forjar uma menopausa. As doses diárias de tamoxifeno ainda causam dores pelo corpo todo. Tem dias que acorda e sente que carrega mais que o dobro da idade que possui. As dores vão sendo amenizadas com doses diárias de fisioterapia e de caminhadas leves. Por conta disso, há oito anos, deixou a Secretaria do Pleno e está numa atividade que exige tanta responsabilidade quanto, mas menos esforço físico: o Plenário Virtual. Atualmente, está no gabinete do conselheiro interino Luiz Carlos Pereira.

Diante da oportunidade deste sobressalto, Francis permitiu a si mesma um refazimento pessoal; rearranjou-se dentro de seu corpo para ser possível se (co)habitar. E ela se possibilita dizer, também, que foi percorrendo esse caminho difícil que se en-

Segundo ela, nem todos precisam passar por situações tão difíceis para repensar seus dias. Mas é importante se deixar abrir a todo o aprendizado advindo dessas experiências

controu. Sente-se, finalmente, ela mesma. Não precisa de muito mais que sua própria discrição para ser percebida – e também enxergar o próximo. Conhece seus limites, mas também sabe do poder inesgotável que possui para transpassar suas fronteiras.

Com sua história, espera apoiar e inspirar mulheres e homens que experienciam um câncer. A palavra não a assusta mais. E é preciso encarar o léxico com a coragem e o medo que ele inspira. Porque é possível vencer. E sobreviver.

Ao contar sua história, Francis se emociona. Para ela, falar sobre sua trajetória e sobre o que encontrou no meio do caminho significa dizer que finalmente está curada, física e emocionalmente. Depois de tanto tempo, conseguir se abrir também é uma vitória. Assim que conclui a entrevista, alça voo pelos corredores do Tribunal de Contas, caminhos muito familiares em seus quase 30 anos de casa. A fênix está flamejando.

Publicada na Intranet em 1º/11/2017





universo das engenhocas



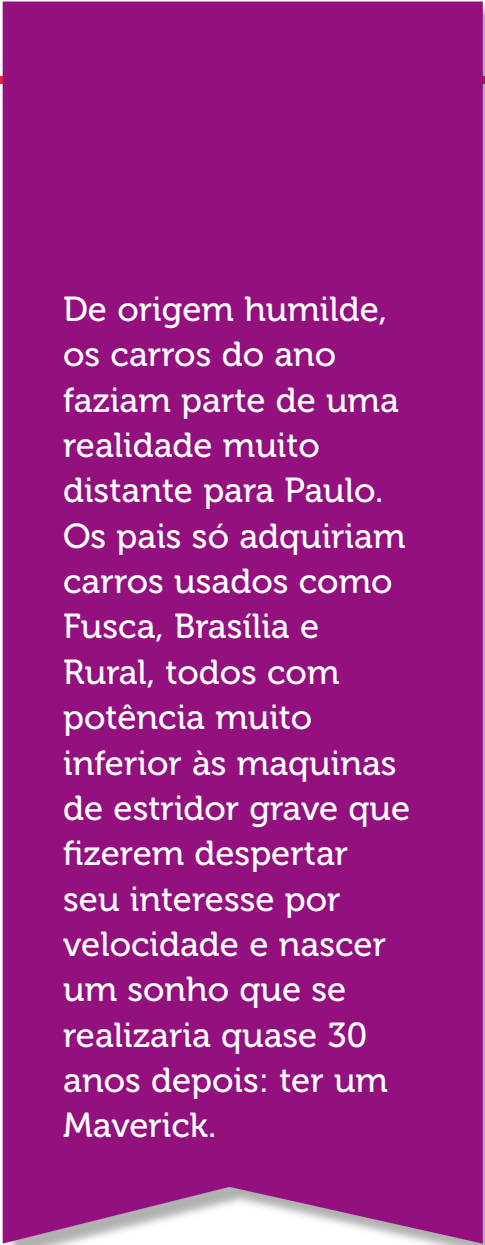
Paulo Vieira Pacheco Filho

Se meu Maverick falasse

Final da década de 70. A *disco music* estava em seu auge e embalava os finais de semana nos pontos centrais da cidade. “*Saturday Night Fever*”, Donna Summer e Tim Maia ditavam o compasso da moda e da música nas discotecas e bares de pisos lustrados: cabelo *black power*, brilhantina, camurças com franjas, blusas coladas e muito brilho. Nas ruas, os carros do ano como Opala, Charger, Galaxie e Maverick desfilavam com altiveza e se apinhavam nos estabelecimentos mais frequentados.

Em Cuiabá, o “Pinosball” era o *point* e reunia um pouco de todos estes elementos que marcaram a década. Localizava-se na Avenida do CPA, até então, um dos únicos trechos asfaltados da cidade. Neste cenário, quando tinha por volta de 17 anos, o servidor Paulo Pacheco observava do lado de





De origem humilde, os carros do ano faziam parte de uma realidade muito distante para Paulo. Os pais só adquiriam carros usados como Fusca, Brasília e Rural, todos com potência muito inferior às máquinas de estridor grave que fizeram despertar seu interesse por velocidade e nascer um sonho que se realizaria quase 30 anos depois: ter um Maverick.

fora a movimentação no local. Nunca se esqueceu daquele ambiente de festa, flertes e rixas. Como ele, muitos aguardavam, das calçadas, pelo ponto alto da noite: os "arrancadões" e rchas dos carros potentes que brincavam de se exibir.

De origem humilde, os carros do ano faziam parte de uma realidade muito distante para Paulo. Os pais só adquiriam carros usados como Fusca, Brasília e Rural, todos com potência muito inferior às máquinas de estridor grave que fizeram despertar seu interesse por velocidade e nascer um sonho

que se realizaria quase 30 anos depois: ter um Maverick.

Para tanto, a caminhada foi longa, trabalhosa e lhe exigiu muita paciência até que conseguisse conquistar o carro dos seus sonhos. O desejo deixou a latência em meados de 2003. Enquanto pedalava nas imediações do bairro Cristo Rei, em Várzea Grande, Paulo se deparou com um "maveko" sucateado em frente a uma oficina mecânica. Naquele dia, o dono do carro que sempre estava fora e que "não vendia o carro por nada", trabalhava pelo local. Foi então que lhe fez uma proposta e foi só o tempo de voltar em casa para buscar o valor pedido. "Acho que ele não acreditou que eu traria o dinheiro tão rapidamente e para cumprir com sua palavra foi obrigado a vender", comentou.

O carro, de tão desgastado, só serviria com suas peças para subsidiar o outro Maverick em melhor estado que compraria pouco tempo depois. O mecânico lhe pediu 90 dias para concluir a reforma, mas o processo levou quase dois anos e vários de seus fios de cabelo. Quando finalmente o Maverick ficou pronto, Paulo ainda não se deu por satisfeito. Queria um motor mais potente e que aguentasse as competições de arrancada. Passou por várias oficinas e quebrou a cabeça até conhecer o trabalho de um especialista em Curitiba. Precisou enviar, não só o motor, mas todo o veículo para ser preparado.

Só em 2014 seu Maverick GT 1979 ficou efetivamente pronto, do jeito que idealizou. Transformaram o motor V8 302 para 347; trocaram o câmbio de 4 marchas pelo de 5; substituíram a embreagem, a suspensão, a



Acervo pessoal

O Maverick GT 1979, motor V8 347, 5 marchas, embreagem, suspensão e parte elétrica revisados no Autódromo Internacional de Curitiba

parte elétrica e foi feita a revisão completa dos freios e diferencial. Para testar toda essa melhoria, Paulo percorreu os 1700 Km até a capital do Paraná para conferir pessoalmente o resultado no renomado Autódromo Internacional de Curitiba. Participou da 1ª Etapa do Campeonato de Arrancada. No "mata mata", conta satisfeito, deixou para trás dois Gols turbos, um Passat e um Audi. Sua melhor marca, na ocasião, foi percorrer 201 metros em 8,3 segundos.

Desde então, só alegrias. Paulo exhibe o xodó em festivais de carros antigos e leva às pistas de arrancadões em Lucas do Rio Verde e Santo Antônio do Leverger. Ao longo dos últimos seis anos outros 4 veículos foram adquiridos e somados ao time de suas preciosidades. São duas Kombis estilizadas e outros dois V8, um Landau e outro Maverick. Por sua paixão, as aquisições não parariam por aí, mas confessa: não tem mais espaço para guardá-los. Parte deste acervo, principalmen-

te, a Kombi que faz sucesso entre todos os públicos, pode ser vista e visitada no espaço recreativo em frente ao Condomínio Alphaville, aos finais das tardes de sábado.

Os colegas da Secex da 3ª relatoria também conhecem esta admiração do servidor pelos carros antigos. "Você gostaria de falar com qual Paulo? Ah, o que gosta de carros? Esse é o Pacheco", confirma a secretária do outro lado do telefone. Mas não apenas seus colegas sabem desse esmero com o carro antigo. Eventualmente, é possível ver o "maveko" ou a kombi onipresentes no estacionamento, com suas cores vermelho e preto. Não duvide, Paulo é vascaíno. Também para esclarecer, dos anos 70 foram dispensados o blackpower e a disco music, restando somente o estilo e a beleza dos carros dos clássicos. Paulo prefere o sertanejo.

Publicada na Intranet em 29/8/2016





Aline Wollinger

Tecnologia, Rock e Britney Spears

Ainda é muito difícil ser mulher e trabalhar com tecnologia no Brasil. Aos 27 anos, a analista de sistemas, Aline Wollinger, já perdeu as contas de quantas vezes ouviu de um cliente - em seus trabalhos anteriores - que preferia negociar com um homem ou com o seu superior.

Formada em análise e desenvolvimento de sistemas, pelo Instituto Federal de Mato Grosso, e com pós-graduações em Rede de Computação Distribuída e Engenharia de Web, pela Universidade de Mato Grosso, ela sempre procurou contornar essas situações desconfortáveis com cordialidade e, aos poucos, conseguiu convencer o interlocutor de que possui plena competência para



conduzir os procedimentos solicitados.

“Eu não me deixo abater porque penso que essas pessoas são vítimas da sociedade, não é culpa delas. Também procuro me colocar no lugar da pessoa, “será que ela teve um bom dia?”, reflete. Por esta capacidade de se envolver e se adaptar facilmente às situações adversas, acabou recebendo o apelido de “coringa”. Hoje, atua na Secretaria de Tecnologia da Informação do TCE e, neste segmento de números e cálculos, encontrou-se na área de Suporte para ouvir e auxiliar diretamente as pessoas.

Este traço de sua personalidade bem como a capacidade de conquistar e cativar quem está a sua volta se apresentam quando ela assume o posto de vocalista à frente da banda de rock “Bisnaga na Cacunda”. A estratégia de negociação com o público é muito parecida: nos primeiros acordes da guitarra e nas notas iniciais que reverberam através do microfone, é preciso conquistar a confiança da plateia para manter a atenção e comprovar a competência da banda em reproduzir, com identidade própria, clássicos como Deep Purple e as canções mais contemporâneas de Foo Fighters e Red Hot Chili Peppers. O próprio nome despretenso e não-litera “Bisnaga na Cacunda” já estabelece uma zona de conforto entre o público e os artistas. Enquanto alguns não esperam muito do show, outros chegam junto ao palco casualmente e se surpreendem com o resultado musical.

Formada em meados de 2013 por um grupo de amigos e amantes de música, a banda, que começou como uma brinca-

“Eu não me deixo abater porque penso que essas pessoas são vítimas da sociedade, não é culpa delas. Também procuro me colocar no lugar da pessoa, ‘será que ela teve um bom dia?’ ”

deira, está amadurecendo e, nos palcos de Cuiabá, vem consolidando o nome peculiar, proveniente do sonho de um dos integrantes. A primeira performance oficial do grupo só aconteceu em janeiro de 2016, no Malcom Pub. O ar desajeitado da banda foi cedendo espaço para a confiança após um dedo de prosa com o público e o som inicial de “Scar Tissue”. Aos poucos, em cada experiência, a banda está se profissionalizando, ajustando os arranjos e harmonizando as partituras. De sua parte, Aline entrou para o coral do TCE, buscando mais conhecimento e técnica sobre a sua voz.

Apesar do início espontâneo da banda, o rock na vida de Aline está presente desde a adolescência. Chegou aos 12 anos, quando ganhou do irmão mais velho o CD “Oops!...I Did It Again”, da Britney Spears. Lembra-se como se fosse hoje da capa brilhante em dourado e prata do álbum, mas





o seu olhar se encantou de verdade com o CD do Guns N' Roses. A trilha sonora da casa, então, sempre oscilava entre as faixas de pop e de rock. A partir daí, apesar de se lembrar com carinho de todas as canções da Britney, interessou-se mais pelo som pesado da guitarra e se encantou pelos hinos que embalaram gerações como 'Sweet Child o' Mine', 'Welcome to the Jungle' e 'Paradise City'.

Além desta influência do irmão, ela conta também com o apoio integral do pai caminhoneiro e da mãe artesã, que a acompanham à distância, pelo Whatsapp, lá do município de União da Vitória, no Paraná. Emocionada, ela se lembra quando recebeu pelos correios um microfone de karaokê de DVD, bem simples e amador que a mãe enviou-lhe no início da forma-

ção da banda. "Quando eu vi aquele microfone, inicialmente me lembrei que ele tinha uma qualidade muito ruim... Mas nunca tivemos muitos recursos, eu guardo este objeto a sete chaves porque sei que representa um carinho e um grande esforço feito pela minha mãe", afirma.

Com o amparo incondicional de amigos e familiares, Aline vai acumulando suas experiências, seja em tecnologia, seja em cima dos palcos. Ela eleva o seu cotidiano ao extraordinário, reinventando-se em novos intentos. Sendo uma ou várias, não é possível duvidar do seu empenho em realizar as suas atribuições com qualidade e competência. Se ainda assim houver alguma hesitação, não se preocupe: ela vai convencer.

Publicada na Intranet em 4/11/2016



Combinações musicais foram essenciais para a construção da identidade artística





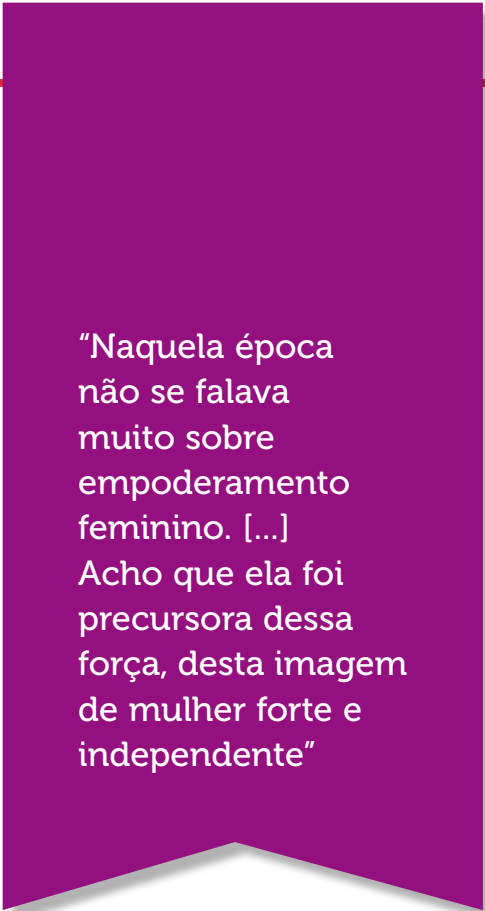
Rosiane Gomes Soto

“Que a força esteja com você!”

Rosiane assistia à cena com atenção. Estudava os movimentos, os diálogos e os olhares através dos quais os atores Carrie Fisher e Harrison Ford exprimiam toda a tensão existente naquele romance velado, mas já sugestivo, construído em torno da princesa Leia e do charmoso Han Solon. No final da década de 80, a jovem, então com seus aproximados 14 anos, não possuía videocassete em casa e ficava ansiosa com as prévias dos filmes que seriam exibidos na TV aberta, ao longo do ano. Quando o grande dia da exibição chegava, memorizava as falas para revisitar em sua mente, sempre que possível, a cena do beijo mais esperado e que, finalmente, acontecia no “Império Contra-Ataque”.

O enredo se desenrola enquanto a princesa Leia, sempre ferina e independente, percebe-se fragilizada. Han Solon se aproxima e lentamente a beija, rom-





“Naquela época não se falava muito sobre empoderamento feminino. [...] Acho que ela foi precursora dessa força, desta imagem de mulher forte e independente”

pendo aquela fronteira de rispidez que sempre envolvia os diálogos da dupla e que foi fundamental para transformar a trama e, de quebra, entrar para a história como um dos momentos mais apaixonantes do cinema.

Este mundo fantástico e permeado de ficção científica de Star Wars foi englobado de forma indissociável ao universo da servidora Rosiane Soto, que desde “há muito tempo atrás, numa galáxia muito distante”, consome os produtos relativos ao ambicioso produto cultural que ainda mobiliza uma legião de fãs, os “geeks”. A princesa Leia, sobretudo ela, foi a principal ponte entre a realidade e a fantasia, o que encanta a servidora: percebe nela muito de sua personalidade. “Naquela época não se falava muito sobre empoderamento feminino. Não existia esse protagonismo. Acho que ela foi precursora dessa força, desta imagem de mulher forte e independente. Por estas característi-

cas, eu me identifico muito com ela”, afirma.

Filha de uma dona de casa com um caminhoneiro, Rosiane e a irmã mais velha, Rosângela, sempre foram incentivadas a buscar nos estudos um meio de redenção. E levaram isso a sério. Quando Rosiane tinha 18 anos, ela e a irmã já arcavam com todas as despesas de casa. A primeira formou-se em 1992, em Administração, enquanto a segunda já trabalhava como agrônoma, desbravando o Estado em suas atividades. Ambas se formaram pela Universidade Federal de Mato Grosso, o que deixa a servidora orgulhosa ao lembrar que sua vida toda estudou através do Ensino público.

Mas essa trajetória de sucesso, contada resumidamente, pode esconder o fato de ter sido resultado de um esforço familiar muito grande e das mentes visionárias dos pais. Oriundos do Paraná, mudaram-se para São Paulo quando Rosiane era criança. Posteriormente, quando ela estava no início da adolescência, a família encontrou, em Cuiabá, o lugar possível para criar suas raízes. Estão aqui há mais de 30 anos. “Meu pai acreditava que, aqui, teríamos boas oportunidades para estudar. Minha irmã estava na época de prestar vestibular e ele achava que, aqui, conseguiríamos ingressar numa universidade pública”, conta.

Como o pai, Bruno, passava até 6 meses fora de casa por conta de sua profissão, a mãe assumia esse protagonismo na vida das filhas, sempre segurando as amarras e emendando eventuais situações em que as meninas saiam da meada. “Minha mãe foi muito durona, pegava no nosso pé pra valer,



ficava falando 'quem não presta pra nada, presta pra casar, então vai estudar'", comenta Rosiane rindo da lembrança.

Antes de começar a trabalhar no Tribunal de Contas, em 2010, ela foi administradora no Sebrae, depois numa empresa agroindustrial e passou em seu primeiro concurso no Departamento Nacional de Infraestrutura de Transporte, onde atuou também como pregoeira. As experiências adquiridas em todos estes locais ainda carregam consigo e são um fator a mais para que ela desempenhe, hoje, suas atribuições com qualidade e esmero.

Enquanto sua trajetória profissional foi se consolidando, seu universo geek nunca foi deixado de lado. Além de Star Wars, ela é aficcionada por séries médicas, forenses e de ficção científica e foi um presente peculiar assistir a "Stranger Things", série lançada pela Netflix, em 2016, e que arrebatou uma série de fãs por sua franca homenagem à cultura pop dos anos 80. O ponto

alto de sua celebração a este universo foi em 2014, quando ela foi ao primeiro Comic Con Experience (CCXP), que aconteceu em São Paulo. Acompanhada da irmã e de seu fiel escudeiro e aprendiz, o sobrinho João Rafael, Rosiane teve a oportunidade de se encontrar com sua criança interior novamente. A fantasia nunca esteve tão próxima da realidade quanto ali: os sons, as cores, as indumentárias e o encantamento ao toque das mãos. Na ocasião, fez uma peregrinação de fã e comprou o "meet and greet" com o ator de Senhor dos Anéis, Sean Austin.

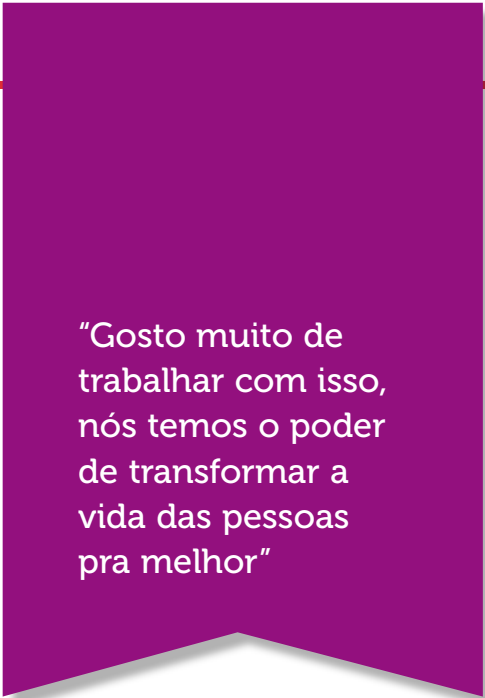
"Eu sou das antigas, e hoje é muito mais fácil aproveitar esse universo. Nunca imaginei que chegaria perto do ator, por exemplo, e nos últimos anos cresceu muito essa onda geek. Acho que é um espaço muito familiar. É legal a sensação de ver o avô, a mãe, o filho, vestidos de acordo com uma personagem. Isso é muito sadio porque fortalece as relações. Brinco que família que é nerd unida, permanece unida, por isso sempre incentivei



Acervo pessoal

Registro na maior feira de cultura pop da América Latina: a CCXP - Comic Con Experience, em 2014






“Gosto muito de trabalhar com isso, nós temos o poder de transformar a vida das pessoas pra melhor”

meu sobrinho. Comprava boxes de DVDs para ele, porque eu achava mais sadio ele gostar de séries do que ele querer sair, beber, essas coisas ‘comuns’ de adolescente”, descreve.

Seu próximo objetivo é o de ir ao CCXP, em San Diego, onde toda essa celebração geek começou. A oportunidade já passou raspando quando ela fez um intercâmbio de três semanas para estudar inglês nos Estados Unidos, sempre acompanhada do sobrinho. Mas os ingressos esgotaram em minutos e os pacotes custavam pequenas fortunas que ela não esteve disposta a pagar.

Ela prefere investir em camisetas com símbolos de super heróis, perucas, sabres e miniaturas de colecionador, como os 60 capacetes que possui dos jedi e dos sith. Atualmente, Rosiane está reformando sua sala de visitas para deixar esse material mais visível a quem quiser.

A servidora da Secretaria adjunta de avaliação de qualidade das atividades de controle externo, apesar de sua independência conquistada, faz sempre questão de estar rodeada de seus entes queridos, amigos de longa data e familiares. De preferência, falando sobre po-



lítica, futebol e Corinthians, ou, simplesmente, falando, como uma boa geminiana. Rosiane, mais conhecida como “Teka”, está plena diante dos seus 42 anos que se aproximam.

Ela declara seu amor pela profissão e pelo Tribunal de Contas, ao revelar que mesmo daqui muito tempo pretende exercer essa função que é muito recompensadora. “Gosto muito de trabalhar com isso, nós temos o poder de transformar a vida das pessoas pra melhor. Acredito muito nas políticas públicas e no papel do Estado porque eu sempre estudei utilizei este sistema e devo o que sou a ele, então penso que agora é minha vez de contribuir diretamente para provocar essa melhoria para a sociedade”, conclui.

Apesar de gostar muito de outras galáxias, outros universos e mundos, Teka aprecia muito mais as experiências que vivencia no aqui e no agora; adora os momentos repletos de risada fácil e de viagens inesquecíveis ao lado do sobrinho e da irmã. “Tem que fazer valer a pena, eu gosto de aproveitar o momento, agir sobre o agora. Não vou deixar para comemorar a vida depois, será mesmo que chegarei aos 50? O caminho tem que ser feliz, tem que ter propósito. E eu acredito que meu propósito de vida estou cumprindo e tento fazer com bastante vontade, não quero passar em branco não”, atesta. Como ensina a personagem do mestre Yoda, sem o medo, “que é o caminho para o lado negro”, ela escreve seus enredos simples e otimistas, com os finais felizes de quase sempre; todos os dias.

Publicada na Intranet em 2/6/2017

Perfis publicados
durante as Olimpíadas de 2016
concomitantemente às ações de
publicidade interna da Instituição.

servidores olímpicos



Wânia Laurice de Oliveira Santos

Correndo pela própria superação

As palavras de quem vibra pelas ruas empurraram, enquanto a paisagem arrefece o corpo que, aos 14 km de corrida, queima. Ainda faltam quatro. Apesar de todo o apoio, da fé, a atleta não se isenta do esforço que seu corpo demanda. Através do relógio com GPS e medição de frequência cardíaca, Wânia percebe que, mesmo com o alto desempenho, seus batimentos estavam caindo. Preocupou-se. Agora, além de rivalizar contra o desgaste físico da longa prova, tem de se empenhar contra a chuva e o frio, que pairam sobre a cidade. Resta diminuir o passo para conseguir completar o percurso.

A servidora Wânia Laurice de Oliveira Santos, 41, relata esta experiência na



Volta Internacional da Pampulha, na cidade de Belo Horizonte em 2009, como uma das mais difíceis ao longo dos seus 30 anos de envolvimento com o atletismo. Ao final da prova, não se sentiu muito bem, mas concluiu satisfeita.

Todo o desgaste vivenciado não amedronta ou desanima a servidora que, em seu histórico, possui quatro meia-maratonas, de 21,097 km, e outras inúmeras corridas de rua realizadas em Cuiabá e em diversas cidades do país. O próximo "longão" já está marcado: será durante a meia-maratona de Brasília, no dia 13 de novembro. A prova marca seu retorno às provas de longas distâncias, um hiato que foi dado após o nascimento da filha caçula, que hoje está com três anos.

A atleta que é mãe, esposa e atua há 15 anos no TCE de Mato Grosso como técnica de controle externo e está lotada na Secretaria de Controle Externo da relatoria do conselheiro Sérgio Ricardo, recebe o apoio da família para concluir a maratona que é a sua própria rotina, especialmente do marido, que a acompanha e a "puxa pra frente" nas principais provas de rua. Entre todas as funções, as quais se incluem levar os filhos na escola, cozinhar, limpar, e participar das atividades da sua igreja, encontra brechas para treinos de fortalecimento muscular na academia, percursos no parque Mãe Bonifácia e longões pela cidade. Moradora do bairro Tijucal, já perdeu a estimativa de quantas vezes foi embora para casa a pé do Tribunal de Contas. "Bate e volta já dá uma meia-maratona", brinca.

Com quase 30 anos em contato com o

Todo o desgaste vivenciado não amedronta ou desanima a servidora que, em seu histórico, possui quatro meia-maratonas



Arquivo pessoal

E ainda sobra tempo para tietar o ídolo Vanderlei Cordeiro. Aqui na Meia Maratona de Campo Grande, em 2009

Atletismo e a corrida, a servidora relembra seu primeiro pódio, aos 11 anos, quando estudava no Liceu Cuiabano. Ganhou em 3º lugar na competição estudantil na corrida individual de 400 metros. "Naquela época,



“Eu quero chegar aos 100 anos de forma saudável, nem que seja correndo 5 km no trotinho, com meus problemas de velhinha”



Acervo pessoal

Acompanhada do esposo, Wagner, numa corrida promovida no condomínio em que moram

eu achava muito difícil percorrer uma pista desse tamanho e impossível dar quatro voltas na pista do colégio. Hoje corro mais de 10 quilômetros, 16, 20...”, comenta, comparando seu preparo físico de antes e o de agora e afirmando que não quer parar nunca. “Eu quero chegar aos 100 anos de forma saudável, nem que seja correndo 5 km no

trotinho, com meus problemas de velhinha”, sorri com essa imagem dos anos vindouros.

Para os servidores que quiserem acompanhar a Wânia e se aventurar pela corrida e pelo esporte, ela deixa um recado: tenha paciência. “Nas corridas de longas distâncias, poupamo-nos no início e nos entregamos nos quilômetros finais. Muita gente passando mal e você completa o percurso bem e inteiro. Então aprendemos na prática que a corrida é como um percurso natural da vida de alguém. Como um neném, que engatinha, dá os primeiros passos, cai... Então comece, independentemente, da sua idade e tenha calma em qualquer resultado que quiser obter”. A superação em cada percurso, em cada prova, satisfaz o corpo e a recompensa a mente. Corra.



Acervo pessoal

Recebendo o troféu do 2º lugar na Olimpíadas do Tribunais de Contas - 2017, em Brasília-DF, onde dividiu o púlpito com a colega Vaudirene Terterelho

Publicada na Intranet em
18/8/2016



Valesca Olavarria de Pinho

A meditação que vem com os pedais da bicicleta

Uma nova via atravessou a rotina. O ciclismo surgiu para a servidora Valesca Olavarria, lotada na 1^o Secex, como um outro percurso, uma oportunidade para romper o cotidiano intenso de atividades e desafios tanto no âmbito pessoal, quanto profissional. Pedalando, a ciclista revelou-se sob o olhar de Cuiabá, que também se mostrou como uma nova cidade com suas ruas, avenidas e esquinas. O esporte é o seu silêncio, dá-lhe paz para se conectar consigo mesma, com o universo.

Tudo começou como um processo, iniciado pela corrida de rua, aos 28 anos. Valesca descobriu o ciclismo aos 36 por meio do então namorado,





Acervo pessoal

Treino de bike com grupo de amigos. Pedalar virou um prazer até nos finais de semana




Acervo pessoal

acompanhando-o como suporte nos percursos urbanos. A paixão pelo novo esporte foi tão arrebatadora que permaneceu, diante do namoro que acabou. No mês seguinte ao início, já havia comprado duas companheiras de estrada: uma mountain bike e uma speed; a primeira para trilhas e a segunda para treinos mais velozes.

Hoje, aos 44 anos, concilia as duas modalidades de ciclismo com a corrida, sempre como uma forma de se refugiar em si mesma e, ao mesmo tempo, extravasar. "Eu gosto de desafios, novidades. O duatlo, a corrida e o pedal, são como uma válvula de escape para o trabalho massante. Você precisa exaurir os problemas e jogar pra fora essa energia acumulada", comenta.

Apesar de sua longa trajetória com a prática de exercícios físicos e sua contínua dedicação e disciplina, a servidora nunca gostou de competir e, tampouco, considera-se uma atleta. O foco está em se superar continuamente e se divertir. "Eu decidi que teria que ser por prazer. Competições não fazem parte do meu perfil, há muito desgaste físico, mental, e não é o que eu sempre busquei com o ciclismo. Eu pego firme nos treinos, mas sempre e apenas buscando me divertir e me superar", confessa.





“O esporte é qualidade de vida, é um complemento que eu sempre aconselho a todo mundo. Já tive amigos que se curaram e trataram doenças graves como a depressão e pude, através de inúmeras histórias que se conectam com a minha, confirmar como o esporte melhora a vida das pessoas”

Para a servidora, que é auditora há 16 anos, além de contribuir com sua qualidade de vida, o ciclismo também derrubou muros e fez cair por terra alguns preconceitos que, por vezes, a afastavam pessoas de seu convívio e não lhe permitiam conhecer realidades próximas. “O ciclismo é cooperação e altruísmo. É perigoso sair para pedalar sozinho, é sempre indicado estar em grupo, com um carro suporte, te protegendo dos outros veículos. Nestas situações você percebe a necessidade de se conectar com o próximo e através da bike eu fiz verdadeiros amigos, que, hoje, con-

sidero como irmãos”, avalia.

No mesmo fluxo dos carros e dos caminhões, os ciclistas e suas bicicletas são frágeis elementos na composição caótica do trânsito da cidade e das rodovias. Mesmo com os riscos, que já levaram à morte alguns de seus companheiros de pedal, Valesca não se sente intimidada pelos possíveis contratemplos. “Eu não tenho medo. Mas acredito que isso seja reflexo da minha postura extremamente cuidadosa, porque se eu cair, me machucar, estarei impedida de correr e de pedalar. As táticas por si só não bastam no trânsito, porque já perdi amigos experientes, atletas de verdade. É preciso muito cuidado e isso inclui sempre pedalar em grupo”, diz.

Em contato contínuo com inúmeras pessoas e histórias de superação advindas com o esporte, Valesca afirma que não quer muito mais que suas bicicletas e um bom par de tênis para seguir rumo a uma vida longa e tranquila. “Farei o que for possível para chegar ao máximo da minha idade praticando esporte com saúde e prazer. O esporte é qualidade de vida, é um complemento que eu sempre aconselho a todo mundo. Já tive amigos que se curaram e trataram doenças graves como a depressão e pude, através de inúmeras histórias que se conectam com a minha, confirmar como o esporte melhora a vida das pessoas”, conclui.

Publicada na Intranet em 16/8/2016





Michael Melo

Os campinhos de futebol de um apaixonado pelo esporte

As medidas de um campinho improvisado não comportam a dimensão dos sonhos de milhares de meninos e meninas ao redor do país, que são apaixonados por futebol e por seus clubes desportivos. Nesses palcos espontâneos em que, muitas vezes, as traves são substituídas por um par de chinelos, a felicidade “clandestina” de inúmeros jovens brasileiros vem como brincadeira, uma habilidade genial em driblar as intempéries do cotidiano com a bola nos pés.

Quando criança, o servidor Michael Melo, hoje com 24, era um destes meninos que idealizava um mundo melhor num campinho das mediações



do Terminal do CPA I, inspirado na trajetória de muitos de seus ídolos, como o Ronaldo Fenômeno. Segundo ele, tudo começou formalmente “como na vida de um garoto normal”, aos seis anos de idade, quando ele e seu irmão gêmeo foram matriculados pela mãe numa escolinha de futebol.

De lá para cá, passou por diversas escolinhas, dentre elas a do Flamengo e do Irapuru, todas em Cuiabá. Por falta de oportunidades e incentivo, comenta que nunca tentou profissionalizar o hobby.

Nesse período e na adolescência, a paixão pelo esporte rivalizava com os horários de estudo e com os breves momentos em que parava em casa. “Eu saía às 6h pra escola e lá, no intervalo, jogava futebol. Depois, vinha pra casa almoçar e saía pra jogar bola à tarde e à noite. Só voltava pra casa quando dava a hora de dormir”, diverte-se com a lembrança.

Para além do amor pelo futebol, o servidor, que está lotado na Secretaria de Planejamento, é fanático por um nome em especial, da equipe do coração: o Corinthians! Nas redes sociais, a admiração é pública e quase todas as selfies cedem espaço para o escudo do time.

Por esta paixão, o jovem atacante é considerado a “ovelha negra da família”, tanto pelo pai quanto pelo irmão, ambos são-paulinos roxos. Segundo o servidor, talvez tenha sido esta rivalidade dentro de casa que o despertou para o esporte e, em especial, para o amor ao Corinthians. “Futebol é rivalidade sadia, é isso que é o gostoso. A paixão e a disputa andam juntas. Na nossa família, apesar das diferenças, acabamos nos tornan-

“Futebol é rivalidade sadia, é isso que é o gostoso. A paixão e a disputa andam juntas”

do mais unidos. E, conseqüentemente, mais apaixonados pelos nossos times”, afirma.

Se antes a rotina de peladas nos campinhos da cidade era diária, hoje, o servidor teve de aprender a distribuir melhor seus horários: joga toda semana às terças, quintas e, eventualmente, aos sábados, sempre à noite, no Círculo Militar. “Quando eu era adolescente, a minha rotina era o futebol. Hoje, se jogo meia hora, acabo lesionando, machucando o joelho, o tornozelo, a canela que são partes que têm mais contato”, pontua.

Conforme explica o jogador, com o tempo, a prática de jogar futebol se tornou mais um meio de sociabilidade, de permitir um hiato no cotidiano de trabalho e estudo intensos e numa forma de desculpa para reunir os amigos. “A paixão vai amadurecendo e fica o amor pelo esporte. Você consegue priorizar outras coisas, conciliar”. Nos próximos 40 anos, comenta que, seja num campinho ou num campo de futebol, imagina-se jogando suas peladas, sem abrir mão da sua qualidade de vida. Sempre recordando um pouquinho daquela terra felicidade “clandestina”.

Publicada na Intranet em 5/8/2016





Adriana Amorim da Costa

A canhota surpresa e o paredão do vôlei de praia

A bola é lançada ao alto e há um breve instante até que ela toque a areia marcando ponto para as adversárias. Neste ínterim, Adriana e a sua parceira, Jaqueline, entreolham-se antes de uma das duas realizar a defesa. “É minha”, confirma Jaqueline, em silêncio, pouco antes de fazer a recepção. A bola é lançada ao ar novamente. O segundo toque é de Adriana, que decide, ao invés de fazer o levantamento, surpreender as adversárias atacando por sobre a rede de 2,55 metros. A atleta salta veloz. Um novo breve instante. Para definir o jogo, Adriana tem mais um ponto forte a seu favor: a canhota. As oponentes são pegas de assalto, não alcançam a defesa. A bola toca o chão.



A servidora Adriana Amorim, 47, está no TCE de Mato Grosso há 12 anos e, atualmente, atua na Secretaria de Administração. Tanto no ambiente de trabalho quanto dentro das quadras, a atleta conduz a sua vida com muita objetividade. Talvez, a postura direta e a personalidade forte venham dos longos anos de treinos e táticas aprendidas com o esporte. Começou muito jovem, aos 12 anos, nas quadras da Escola Estadual André Avelino. Lá, destacou-se e já aos 14 anos foi convocada para compor o primeiro time de vôlei feminino do Estado.

Para a atleta, a relação com o esporte sempre representou muito mais do que um passatempo, mas foi, ao longo de sua vida, um meio para firmar seus caminhos com dignidade. “Sou filha de pai e mãe pobres. O vôlei pagou meu estudo. Eu jogava, ga-



Acervo pessoal

Acompanhada no pódio pelo atleta “Pedrão” em Campo Novo do Parecis, 2011

“Eu tinha muita raça. Sempre fui baixinha com relação às adversárias e à equipe, mas tentava me equiparar a elas treinando muito e desenvolvendo a musculatura para saltar mais alto”

nhava uma bolsa na escola, na faculdade. E eu queria estudar. O esporte me educou, ensinou-me meus limites e a extravasar minhas emoções. Eu não adoeço porque não guardo sofrimentos”, comenta.

Na quadra, a jogadora foi rede, libero e atacante e em qualquer uma dessas posições intimidava com seu 1,67 de altura. “Eu tinha muita raça. Sempre fui baixinha com relação às adversárias e à equipe, mas tentava me equiparar a elas treinando muito e desenvolvendo a musculatura para saltar mais alto”, comenta a atleta, que nessas jogadas de bloqueio, chegou a quebrar o dedo da mão direita duas vezes.

Aos 29 anos, deixou as quadras para se dedicar ao vôlei de praia. A transição começou como brincadeira, mas se apaixonou ao encontrar mais qualidade de vida e incentivo na areia. “Nossos atletas, de um modo geral, não são muito valorizados. No vôlei de quadra, eles premiavam com me-



“Você se habitua.
Só de olhar a gente
se comunica.
Qualquer defesa
que ela faça eu sei
que tenho de estar
perto”

dalhas e o troféu ficava para o treinador ou instituição que você representava e acreditavam que isso basta para você se sustentar. Então não tinha incentivo para a jogadora permanecer no vôlei. Muitas de nós foi para a areia ou abandonou o esporte”, afirma,



Acervo pessoal

Circuito Mato-grossense de vôlei de praia durante o Festival Internacional de Pesca Em Cáceres - 1º lugar da parceira Jaqueline Glória

questionando quantos jovens e potenciais atletas não seguem o caminho ao redor do Estado por ausência de fomento.

Assim, desde o ano de 1998, dedica-se ao lado da parceira de jogo, Jaqueline, e vem, ao longo dos últimos tempos, subindo aos pódios de circuitos de vôlei de praia dentro e fora do Estado. A cooperação entre elas dura mais de oitos anos e essa longa relação influencia, diretamente, na qualidade dos jogos realizados. “Você se habitua. Só de olhar a gente se comunica. Qualquer defesa que ela faça eu sei que tenho de estar perto. Brigamos muito, nos desentendemos porque na quadra é muita emoção à flor da pele, mas sabemos que, saindo dali e independente do resultados, somos parceiras e precisamos uma da outra”, assegura.

Adriana decidiu que vai competir até os 50 anos. Aos poucos, o corpo não acompanha mais o ritmo e o impacto de uma competição. Abrir mão do esporte, entretanto, não faz parte dos planos: o vôlei de praia continuará em sua rotina. “Não gosto de perder e aos poucos está ficando difícil manter um ritmo competitivo. Apesar de não gostar, eu sei perder, eu cresço. E em respeito à minha trajetória, aprendi e sei que está na hora de diminuir o compasso”, desabafa, ressaltando que continuará em movimento, nas quadras, nas areias, ou nas corridas de rua. Um breve instante, até decidir o que fará da sua carreira. O importante é não deixar a bola cair.

Publicada na Intranet em 11/8/2016



muuto além do olhar



Silvanete Paulina da Silva Cardoso

A solidariedade é a mediadora entre o ver e o olhar

A diferença entre “ver” e “olhar” consiste na profundidade do verbo. O ver é apenas a percepção sobre a superfície: ação displicente que vem, por vezes, com o cansaço repetitivo e mecânico do cotidiano. Para olhar, entretanto, é preciso ir além. Exige esforço, contemplação lenta e demanda reflexão. É extraordinário.

Foi em meados de março de 2015 que a servidora Silvanete Cardozo, de 37 anos, conseguiu transpassar essa fronteira entre o ver e o olhar trazendo para a realidade um sonho latente que carregava consigo há algum tempo: ajudar efetivamente o próximo.

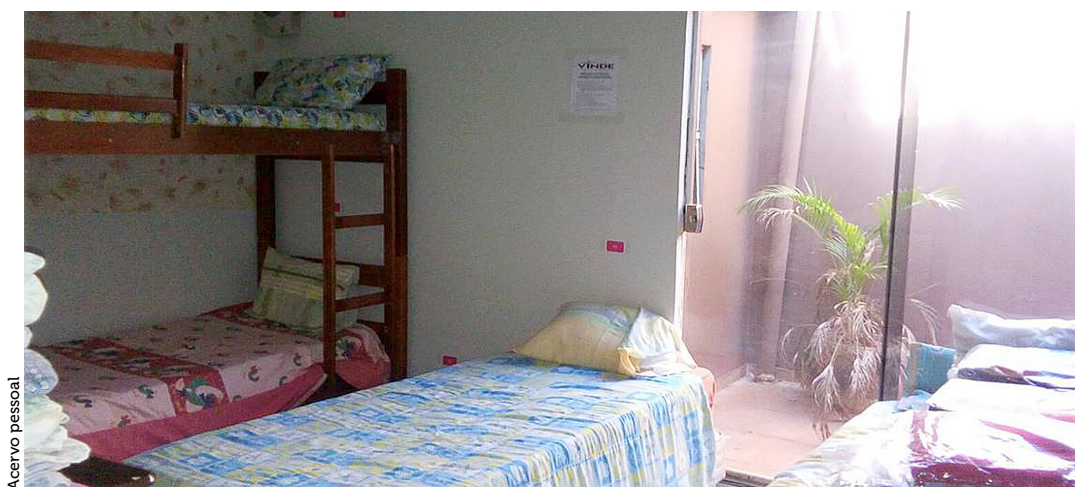


Nesse período surgiram os primeiros esboços do que viria a ser a Hospedaria de Apoio Vinde. A ideia procedeu do marido, Reginaldo, que compartilhou com ela o desejo de utilizar a casa que havia sido entregue recentemente pelo inquilino e ceder o espaço para que pudesse receber pacientes e seus acompanhantes vindos do interior do Estado. “Após um momento de oração, meu marido disse que Deus havia colocado esse desejo em seu coração. Ele me perguntou se eu o apoiaria na ideia e, antes mesmo dele questionar, minhas lágrimas já eram a resposta que ele precisava”, comenta com os olhos cintilantes.

Foram muitas minúcias diante do processo burocrático: idas ao cartório, à Prefeitura, além da realização de adequações estruturais até que, em setembro do mesmo ano, a casa começasse a receber os primeiros hóspedes. Desde então, no espaço de 200m², com três áreas externas cobertas, sala de TV, cozinha, três quartos, 19 leitos e dois banheiros, 184 pessoas permaneceram e passaram deixando

“Para mim, tudo sempre esteve conectado. Eu morei nesta casa por oito anos e ela era muito grande para nossa família [...] Hoje, entendo que desde antes ela já tinha um propósito”

parte de suas vivências e histórias com os anfitriões, que resguardam com carinho os nomes, os rostos e as trajetórias. “Para mim, tudo sempre esteve conectado. Eu morei nesta casa por oito anos e ela era muito grande para nossa família limpar diariamente. Hoje, entendo que desde antes ela já tinha um propósito porque ela tem o tamanho necessário para abrigar outras tantas vidas”, declara.



Arquivo pessoal

Detalhe de um dos quartos da Hospedaria





Acervo pessoal

Os hóspedes são acomodados num amplo espaço. Sentem-se em casa



A hospedaria é gratuita para os seus habitantes passageiros, mas têm custos que são arcados, integralmente, por doações em dinheiro, de alimentos e de produtos de limpeza. Durante a entrevista, Silvanete atende a ligação do cunhado, Vicente, que, juntamente com a esposa, cuida da parte administrativa. Ele informa que estão em falta os artigos de higiene. “Eu e meu esposo fazemos essas correrias nos horários que conseguimos, à noite, ou no almoço, nos desdobramos para conseguir os man timentos”, afirma sorrindo. Tudo é articulado pela rede de contatos entre amigos, amigos de amigos, e familiares. Com a manutenção mensal e as contas, os gastos gerais chegam a cinco mil reais.

Apesar das dificuldades cotidianas, da correria que é caminhar entre as suas inúmeras rotinas de profissional, mãe de duas meninas, esposa e filha, a servidora, que está lotada na Secretaria de Tecnologia da Informação, defende que não é complexo ao ser humano praticar a solidariedade. “Basta olhar ao redor, tirar as vendas. Tem tanta gente que precisa mais que nós e, nem sempre, há uma carência de bens materiais, mas uma palavra, um olhar, um abraço, também são transformadores”, pontua.

Os projetos de ajuda e acolhimento não cessaram com a Hospedaria, situada no final da Avenida Brasil, no bairro CPA II. A família já sente que pode fazer ainda mais e está pleiteando um lote ao lado da casa, no intuito de construir uma creche comunitária. “São muitas questões que nos rodeiam, como se daremos conta de tudo isso, mas temos uma convicção de que Deus nos dá esses braços, de forma que pretendemos ampliar nosso atendimento às pessoas sem cobrar nada e sem deixar faltar nada”, diz.

No dia 31 de agosto, em que a Organização das Nações Unidas (ONU) celebra o Dia Internacional da Solidariedade Humana, Silvanete comenta sobre o que, para ela, é o maior valor do ser humano: a bondade. “Eu tenho a esperança de que as coisas melhorem. Você abre um site de notícias e vê tanta coisa triste. Mas a maldade e a indiferença não são normais às pessoas. Com pequenas ações, poderemos recobrar alguma esperança. Tenho esperança de que as coisas vão melhorar”, externa sem hesitar. Convicta, como quem já atravessou a fronteira entre o ver e olhar. E que não volta mais.

Publicada na Intanet em 31/8/2016



Glucia Bianca Stefanini

Por mais axé

Sobre a mulher que vê humanidade nas ruas

Ela está no farfalhar da mata, no crepitar do braseiro e nos outros simplíssimos fenômenos ordinários e extraordinários da natureza. Mas ela também consiste em grandes eventos climáticos como tempestades e furacões e reside num dos mais intensos sentimentos humanos: a paixão. Iansã é considerada, por algumas religiões de matrizes africanas, como este espírito superior que alimenta os movimentos, o fogo e o vento; e por este poder tamanho, uma Orixá intempestiva e ferina. Quem é filho ou filha de Iansã assume muitas dessas características: são pessoas festivas, transgressoras,



determinadas e intensas.

Glauca Bianca Stefanini nasceu filha de Iansã. Mas o reconhecimento desta maternidade espiritual se deu há pouco tempo, quando ela se converteu ao Candomblé após ser gerada num berço Kardecista e receber, por anos a fio, uma educação Católica. Estas andanças por templos, igrejas e terreiros acontecem naturalmente, já que sempre esteve envolvida com essas diversas espiritualidades ao aprender, dentro de casa, a acolher, a respeitar e a conhecer o que as religiões podem proporcionar de mais valioso: o ensino do amor.

Nas redes sociais é Glauca Stefanini Matambelê, sobrenome que diz sobre sua relação com o Candomblé e Iansã. Mas, além de Iansã, Glauca foi revelada, durante o período de 21 dias de feitura no santo, aos seus outros dois orixás: Oxóssi e Xangô. O primeiro é o orixá das florestas, das ervas utilizadas para banhos espirituais, da fartura e do sustento. Já o segundo é o orixá da justiça, do sentimento voraz em agir de acordo com o mais próximo do correto.

De alguma forma, foi um grande encontro pessoal quando Glauca aprendeu mais a fundo sobre o Candomblé e, como a Alice de Lewis Carroll, atravessou o espelho de sua existência para se conhecer ainda melhor. Ela entendeu como seus orixás, seus guias, sempre se manifestaram em seus ânimos, escolhas e ações. Por onde passa, a mulher alta de cabelo raspado deixa rastro de seu ímpeto. Com passos rápidos e um olhar destemido e cintilante, segue fulminando e despindo a alma de quem cruza



Arquivo pessoal

De branco dos pés à cabeça para celebrar Iansã

seu caminho. Glauca parece ter pressa da vida e aproveita todo o instante do seu dia que, lamenta, possui apenas 24h. Pouco para a mulher implacável.

Com 30 anos de Tribunal de Contas e atuando na Secretaria do Pleno, possui muitos conhecidos e amigos, os quais faz questão de abraçar e desprender uns minutos de prosa. Só esse amor pelas pessoas a faz arrefecer o passo sempre constante e rápido. Diante do ser humano, o furacão se torna uma brisa no fim de tarde. Quando entra numa sala ou passa por um setor, é como o vento de Iansã percorrendo a mata e colorindo os ambientes mais cinzas e monótonos com vida.



Esta alegria e carinho que transmite e recebe por onde passa, Glaucia também distribui pelas ruas de Cuiabá. A caridade é um projeto de vida e um legado que descende da avó, Orgelina e dos pais Afro e Dorothy Stefanini, que fizeram questão de transmitir aos 10 filhos o privilégio de tentar ajudar minimamente ao próximo. Há pouco mais de 8 meses, Glaucia capitaneou seu próprio projeto pessoal e iniciou junto ao companheiro, Gustavo, o Bolt do Asfalto Moto Grupo.

Concomitantemente, iniciou um projeto social cujo principal objetivo é o de distribuir alimentos às pessoas em situação de rua. Todas as terças-feiras o grupo se reúne para a cocção de uma média de 300 marmitas, no espaço improvisado no Sindicato dos servidores do TCE. Desde quando o projeto começou a acontecer já foram entregues mais de seis mil refeições, com ingredientes comprados através de recursos próprios, doações de familiares, amigos e comerciantes.

Desde quando o projeto começou a acontecer já foram entregues mais de seis mil refeições

O percurso que o grupo faz é quase sempre o mesmo, oscilando pela praça da República, pela praça 8 de abril até o Porto. Eventualmente pela Avenida do CPA e pela Mato Grosso. Frentistas, garis e ambulantes também se reúnem junto ao grupo para receber as refeições e alimentar seus espíritos para uma longa noite de trabalho. E ainda tem gente que questiona: "Mas vocês encontram tanta gente de rua assim?".

Todo este trabalho vai além do carinho que transmite através do alimento bem



Acervo pessoal

Pelas ruas de Cuiabá matando a fome de quem precisa



“Dona, de onde a senhora saiu? Toda hora que eu tô com fome a senhora aparece”

temperado, selecionado, quente e saudável. Glaucia faz questão de conhecer a história de muitos, chamando-os pelo nome. Por isso, a distribuição que começa às 19h30, segue madrugada de quarta-feira a dentro. Compartilha de suas dores, ouve, fica na altura de seus interlocutores. Enxerga-os. Às vezes, encontra alguns de seus assistidos em situações tão problemáticas que sequer conseguem se alimentar. Ela, então, aninha a pessoa junto a si e, enquanto leva o alimento à boca, questiona sobre a vida, ajudando a esvair daquele corpo toda a ebridade que é mais dor, que reações químicas.

Esse comportamento acolhedor lhe rendeu o autoexplicativo chamamento de mãe. “Mãe vai brigar comigo”, “mãe não veio hoje”, “mãe, obrigado”. Uma vez, um senhor bem velhinho engatinhou até as pernas de Glaucia enquanto comia um doce de banana que fora distribuído naquela noite: “Mãe, esse doce de banana é igual ao da minha mãe”.

A servidora se preocupa quando alguém, como a Nega, não aparece no local em que costumava organizar seus poucos pertences há mais de um mês e não se importa em

abraçar a Cleia, do Porto, que tem uma sarna incessável. Briga com Cleia quando ela está com os seios a mostra; alimenta-a em suas convulsões. É mãe.

Todo esse relacionamento com as pessoas em situação de rua é construído diariamente, já que ela sempre sai de casa, todas as manhãs, com algumas marmitas para entregar pelas principais avenidas da cidade. Vaidosa e bem vestida, a servidora estaciona seu carro, sai com o recipiente nas mãos, abaixa-se e diz: “meu irmão, acorda. Tá aqui seu alimento. Come agora que tá quentinho” e ouve como resposta: “dona, de onde a senhora saiu? Toda hora que eu tô com fome a senhora aparece”.



Glaucia fica na altura de seus interlocutores; aproxima-se e os acolhe, também, com o olhar

Acervo pessoal



A servidora da Secretaria Executiva de Administração é atuante nas redes sociais e gosta de mostrar o trabalho que faz nas ruas de Cuiabá. Acredita que em tempos sombrios, com tanto sofrimento no mundo, é preciso evidenciar boas ações para cultivar resultados positivos, prestando contas a quem acredita no projeto e, quem sabe, mobilizar mais forças, inspirando a criação de outros projetos sociais. “Refletir pra que, né? Pode me fazer sair da minha zona de conforto e isso me incomoda”, provoca ela antes de principiar um de seus longos e desafiantes textos no Facebook, nos quais explica um pouco da rotina e demonstra como, com simplicidade, auxilia a tirar a fome do corpo



Acervo pessoal

No cotidiano, esquenta sobras de comida que guarda na geladeira e, todas as manhãs, leva consigo para entregar pelas ruas

Glaucia enxerga
essa dor nos olhos
do outro e se
reconhece nesse
olhar

e da alma de milhares de pessoas que caminham pelas ruas da cidade.

Glaucia enxerga essa dor nos olhos do outro e se reconhece nesse olhar. Ela já esteve no fundo também e passou por momentos difíceis em sua vida que a tornaram sobremaneira humana. Conta como foi difícil o processo de separação de um de seus ex-maridos; como se sentiu rejeitada e se percebeu dopada pela quantidade grande de medicamentos que tomou para emagrecer e encontrar uma via para se amar novamente. Neste contexto, tentou suicídio e perdeu as contas de quantas vezes saiu às ruas toda produzida por fora para maquiar suas rachaduras de dentro, procurando a cura por sua dor. Percebeu a gravidade deste sofrimento quando despertou em seu apartamento, após uma dessas noites, na presença de duas crianças de rua, que a reconheceram chorando, sem rumo, e a acompanharam até em casa.

Com o apoio dos 3 filhos, hoje com 28, 24 e 11 anos; da família e de amigos, redescobriu o acolhimento necessário para se recompor e juntar seus pedaços, não



para ser como era antes, mas para formar novos arranjos de si mesma, reinventar-se. “Aquela síndrome de Gabriela, ‘eu cresci assim, eu sou mesmo assim’ não se aplica a mim, eu gosto de me transformar constantemente”.

Nesse contínuo processo pessoal de humanização pelo qual passou ao longo de sua vida, Glauca também teve a oportunidade de perceber e acolher a dor de outras mulheres. Quantos tabus e medos envolvem o feminino em nossa sociedade? Reconhecendo-se na dor de suas amigas, após fazer um curso em São Paulo com a palestrante Nelma Penteadó, decidiu compartilhar as informações aprendidas.

Foi surpreendida com as possibilidades de se conhecer e ao seu corpo; e ficou encantada com a auto-estima daquela mulher forte que se apresentava na frente dos pal-

cos. Quando retornou à Cuiabá, começou emprestando algumas peças de lingerie. Depois, incentivada pelas amigas que ligavam para agradecer pelas dicas que transformaram seus relacionamentos, teve a ideia de reunir outras mulheres para conversar sobre seus corpos e sexualidades; sobre prazer e felicidade em todos os aspectos.

Na primeira tarde reuniu 120 mulheres. Aconteceu meio improvisado, mas, aos poucos, foi pegando o jeito e quando subia ao palco, dominava o assunto. Começou em meados de 2009 e continuou por mais 3 anos. Lucrou R\$ 35,00. Além de não ter esse tino comercial, sentia-se muito bem em presentear as participantes e em dividir as informações com quem a procurasse.

“Quando eu agendei essa primeira reunião, não sabia como iniciar a palestra. Aí



O convívio com diversas religiões a tornou mais aberta à aceitação do outro. Pelo amor



minha filha, bem pequena, veio com um de meus saltos e falou 'olha mamãe, quando crescer vou ser igual a senhora'. Aquilo me deu um estalo. Porque eu disse 'não, minha filha, você vai ser melhor que a mamãe'. Porque eu sou de uma época, que as mulheres não conheciam o seu corpo, não se tocavam. Tudo isso era pecado. Então vi naquele momento de conversa com outras mulheres a oportunidade de começar um mundo diferente para nós e nossas filhas. Nossos corpos também existem".

Respeito às diferentes religiões, aceitação à liberdade do corpo feminino, acolhimento às pessoas em situação de rua e apoio à comunidade LGBT. Glauca já perdeu as contas de quantas vezes discutiu com pessoas próximas sobre o que, para ela, é natural: o amor entre os seres humanos. "Eu tomo as dores. Quando vejo alguém com comentários violentos próximo a mim começo a questionar 'nos seus sonhos você tem sonho com homem ou com mulher?' e vou encurralando a pessoa porque, para mim, essa insistência em se preocupar com o amor alheio revela uma questão de quem tem algo a esconder. Por que tanta raiva? Não entendo. A pessoa tem que agir de acordo com o que faz bem".

Para ela, quanto maior é a aceitação ao próximo e o acolhimento, mais aceitação e acolhimento se tem consigo mesmo, às complexidades, medos e ansiedades que todos nós, em alguma medida, carregamos dentro de si. Por isso, talvez, o grande diferencial de suas experiências seja aplicar em todos os ambientes pelos quais transita

Para ela, quanto maior é a aceitação ao próximo e o acolhimento, mais aceitação e acolhimento se tem consigo mesmo, às complexidades, medos e ansiedades que todos nós, em alguma medida, carregamos dentro de si

um pouco de suas múltiplas vivências no lar cheio de amor e pluralidades de sua infância. Glauca conseguiu enxergar a inteira humanidade em homens e mulheres que já não podem comprar roupas ou máscaras para esconder como estão quebrados, por dentro e por fora. E a gratidão vem menos pelo alimento, que pela sensação de se perceberem vistos num cotidiano que os omite com indiferença e crueldade.

Um homem em situação de rua, certa vez, dirigiu-a a palavra: "Dona, o que é isso que sai do olho da senhora? É tanta luz que sai de dentro daí e vai direto para o meu coração". Ali, naquele momento, ele teve a oportunidade única de se ver humano outra vez nos olhos de Glauca. A filha de Iansã chorou.

Publicada na Intranet em 21/7/2017





Tribunal de Contas
Mato Grosso

TRIBUNAL DO CIDADÃO



PubliContas

Editora do Tribunal de Contas
do Estado de Mato Grosso

ISBN 978-85-98587-86-8



9 788598 587868